



O “Destaque do Meio-dia” da Rádio Renascença

Análise de um noticiário mono temático radiofónico

Autor: Joana Marta Valdeviesso Sobral

Orientador: Dra. Isabel Reis

Mestrado Ciências da Comunicação, variante Estudos de Media e Jornalismo

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

Junho de 2010

Agradecimentos:

Aos meus pais. Sem o apoio deles, este regresso aos estudos não teria sido possível.

Ao Pedro, pelo incentivo.

Ao José Bastos e ao Sérgio Costa, pelo contributo, disponibilidade e amizade.

À Dra. Isabel Reis pela orientação, disponibilidade e paciência.

À Ana Paula, responsável pelo facto do estágio se ter realizado na Rádio Renascença.

A todos os profissionais da Rádio Renascença (Porto), pelo carinho e simpatia com que me receberam.

Índice

Resumo	6
--------------	---

PARTE I

O Estágio Curricular.....	7
Introdução.....	9
1.História e Caracterização da Rádio Renascença.....	10
2.O Processo de Elaboração do Destaque do Meio-dia.....	16

PARTE II

O Destaque do Meio-dia da Rádio Renascença.....	21
Introdução.....	23
1.A Informação Sonora.....	24
2.O “Destaque do Meio-Dia” na Programação da Renascença	27
3.Metodologia.....	30
4.Resultados.....	38
5.Discussão dos Resultados.....	40
6.Conclusões.....	43
Bibliografia.....	49
Anexos.....	52

Resumo

Este trabalho representa o culminar de um processo de dois anos que teve por base uma aposta no desenvolvimento da minha formação pessoal e profissional.

Trabalhei durante três anos como jornalista, sempre na rádio, mas face a uma situação de estagnação e perante um futuro sem grandes perspectivas, decidi que era a altura certa para interromper a minha carreira profissional e regressar à Universidade. Ingressei no Mestrado em Ciências da Comunicação, variante de Estudos de Media e Jornalismo, da Universidade do Porto, com o objectivo de adquirir mais formação, uma visão académica sobre os grandes desafios que acompanham a realidade jornalística e a oportunidade de regressar uma vez mais à rádio, e trabalhar numa redacção de referência. Cumpridos os dois primeiros objectivos, optei por seguir a via de especialização profissional, que me permitiu desenvolver um estágio na delegação do Porto da Rádio Renascença, realizando assim, o último dos propósitos. Durante esse período, tive a possibilidade de observar, e também de colaborar, na elaboração e na concepção do espaço informativo “Destaque do Meio-dia”, razão pela qual decidi que seria esse o objecto de estudo deste trabalho. O objectivo é caracterizar este espaço noticioso que se distingue pela sua singularidade, através da análise dos temas em evidência, do tipo de peças utilizadas e do tipo de fontes recorridas. Este estudo de caso pretende contribuir para dar a conhecer este noticiário mono temático, bem como todo o processo de construção do mesmo.

PARTE I

O Estágio Curricular

Introdução

O presente trabalho surge no âmbito do estágio curricular do Mestrado em Ciências da Comunicação, realizado na Delegação do Porto da Rádio Renascença. A opção pela realização de um estágio teve como principal objectivo a especialização profissional. Apesar de ter já alguma experiência profissional como jornalista, nomeadamente, na rádio, queria ter a oportunidade de aprender e trabalhar numa rádio que é uma referência na informação nacional. Pois considero que a Rádio Renascença tem profissionais de excelência e é um exemplo de informação de rigor e qualidade. A minha passagem pelo mercado de trabalho fez-se, única e exclusivamente, no jornalismo radiofónico, por ser esse o meio com o qual mais me identifico e no qual ambiciono voltar a trabalhar. Juntar, à minha curta experiência de três anos, um estágio na Rádio Renascença, permitiu-me acrescentar valor a essa especialização profissional que procuro. Numa altura em que o jornalismo se debate com tantos desafios, que advêm de novas realidades, de crescentes necessidades, da proliferação de novas plataformas de comunicação, entre outros, creio que a especialização pode ser encarada como uma mais-valia. Não descurando nunca, a necessidade de adaptação e aprendizagem constantes face a todas essas novidades, penso que um jornalista que esteja especializado num meio, tem um conhecimento que lhe permite retirar um maior partido do mesmo. Ou seja, no caso específico da rádio quer esta seja escutada da forma mais tradicional, através de um transístor, ou via digital, através da internet, *Ipod*, ou outros, o processo de comunicação com o ouvinte funcionará tanto melhor, quanto o emissor souber usar todas as potencialidades do meio. Alguém que está habituado a comunicar em rádio, saberá fazer passar melhor a mensagem do que, por exemplo, um jornalista de imprensa, que apesar de ser brilhante, pode não conseguir adaptar a sua escrita ao meio. Embora os meios de comunicação social em Portugal, pareçam estar a dar preferência ao jornalista “multitarefa”, capaz de escrever e comunicar através de múltiplas plataformas, tenho grandes dúvidas quanto à qualidade do jornalismo que está a ser produzido, sob essa política. Pelo simples facto, de que o jornalista pode desempenhar várias funções e ter uma série de competências, mas não creio que possa ser excelente no desempenho de todas elas. É de salientar o facto de que na rádio, hoje em dia, o jornalista realiza tarefas que, outrora, eram da competência dos técnicos de som. Actualmente, o jornalista não se limita ao trabalho jornalístico de pesquisa, recolha

se sons e produção do texto, é ele também que edita e faz a montagem das peças. Pelo que, este trabalho ao nível das competências técnicas assume um papel, que eu diria ser tão importante quanto o trabalho jornalístico, propriamente dito. Pois um texto brilhante e um som em primeira mão, pode perder toda a força se a montagem da peça for deficiente, ou os sons não apresentarem qualidade. Como tal, a edição é hoje parte integrante do processo jornalístico sendo tão importante como qualquer outra das fases de produção da notícia, devendo ser uma competência valorizada no jornalista. Neste sentido, acredito que a especialização pode ser vista como um valor acrescentado, e é partindo desse pressuposto, que tenho vindo a direccionar o meu percurso profissional para a rádio.

A opção de escolher, para a realização de um estudo de caso, o espaço informativo “Destaque do Meio-dia” prende-se com o facto de ter tido a oportunidade de acompanhar diariamente, durante o estágio, a produção deste noticiário. Não só tive o privilégio de estar “por dentro” de toda a rotina produtiva, bem como, em algumas ocasiões, pude também dar o meu contributo. A pertinência de uma análise a este noticiário assenta na singularidade do mesmo. Por um lado porque se trata de um noticiário mono temático, com uma estrutura diferente de todos os outros noticiários produzidos pela Renascença. E por outro, pelo facto de apresentar um formato único no panorama da informação radiofónica nacional. O objectivo deste trabalho é traçar o perfil do “Destaque do Meio-dia”, identificar as principais características, perceber os conceitos e finalidades que servem de base à sua concepção, mas também as dificuldades e constrangimentos que acompanham este noticiário que se mantém no ar desde 2001.

História e Caracterização da Rádio Renascença

A Rádio Renascença começa a ser pensada em 1933. Em Fevereiro desse ano é publicado na revista católica “Renascença”, um editorial onde é lançada a ideia de criar uma rádio com o mesmo nome. Na década de trinta começavam a surgir, em Portugal as primeiras emissoras, com emissões regulares. Um pouco por todo o país, assistiam-se a diversas experiências radiofónicas. E “no ar”, estavam já o “Rádio Clube Português” e a “Emissora Nacional”, onde a Igreja Católica era presença assídua. Ainda assim, “era

necessário reforçar a presença da Igreja no mundo da cultura. E se a imprensa católica estava tão implantada a nível nacional e diocesano, os tempos que corriam não permitiam que se ficasse inactivo face aos novos desafios” (cit. por Miguel, 1992: 26). Esta era a opinião do Padre Lopes da Cruz, um dos principais impulsionadores da Rádio Renascença, que desde logo se envolveu na mobilização da opinião pública para a importância do projecto e numa campanha de angariação de fundos, com vista à concretização do mesmo. Durante seis anos, assinou na revista “Renascença”, uma página com o objectivo de tornar possível a existência de uma rádio católica em Portugal. O Padre Lopes da Cruz via na rádio uma norma forma de evangelização ao alcance da Igreja. O objectivo da emissora católica de radiodifusão era claro: “utilizar a rádio para a propaganda dos valores católicos, para combater o mal e os ataques à Igreja, para desfazer os erros e esclarecer a opinião pública com boas notícias e programas de qualidade, para repor a verdade histórica” (cit. por Miguel, 1982: 26).

Em 1936 a Rádio Renascença começa a emitir de modo experimental, a partir de Lisboa, duas vezes por semana. E a 1 de Janeiro de 1937, tiveram início as emissões diárias. Mas só em Abril de 1938 é que a Rádio Renascença se tornou oficial, enquanto instituição católica integrada no Secretariado do Cinema e da Rádio, no seio da Junta Central da Acção Católica Portuguesa. Três anos depois, entram em funcionamento os estúdios do Porto.

Relativamente aos conteúdos da emissora, estes tinham por base critérios evangélicos, obviamente. “O plano dos programas pretendia ser variado e agradar a todos os gostos e idades. Palestras, cursos de línguas, números de diversão, música e noticiários preenchiam as primeiras emissões” (Miguel, 1982: 89). A década de 50 fica marcada pelo aparecimento de alguns programas inovadores. E nos anos 60 surgem na Renascença, espaços de programação vanguardistas e bastante críticos face à situação política em que se encontrava o país. O que contribuiu para que durante o regime de Marcelo Caetano, a Renascença fosse bastante vigiada, e reprimida pela censura devido aos programas contestatários que exibia. “Estávamos, pois, perante uma rádio cada vez mais activa e consciente do seu papel na sociedade” (Ribeiro, 2001: 103).

Em 1972 teve início o serviço de noticiários da Rádio Renascença, com uma equipa composta por nove profissionais. Até então, os espaços informativos tinham por base as notícias veiculadas pela imprensa. A produção de informação própria tornou-se

um factor acrescido de atracção por parte da censura. Mas a história da Renascença ficará para sempre ligada ao 25 de Abril. Pois foi aos microfones da emissora católica que foi emitida a senha para o início da revolução dos cravos. Segue-se depois um período de grande conturbação interna, decorrente do PREC (Período Revolucionário em Curso). Dias depois da Revolução dos Cravos, noticiários e operadores dão início a uma paralisação, ocupando a redacção de Lisboa, fazendo exigências, o que levou a gerência a abandonar a estação. A pedido do MFA, os trabalhadores acordam em repor a emissão no ar e elegem dois funcionários como delegados dos trabalhadores. A administração fica na mão dos funcionários da emissora, representados por uma comissão com funções deliberativas e dá-se início a um período de autogestão, durante o qual foram suspensos vários chefes de serviço. A 21 de Maio, um grupo de trabalhadores dos estúdios de Lisboa, propôs ao Patriarcado um protocolo com vista à divisão da Rádio Renascença em duas entidades: uma responsável pela gestão da actividade radiofónica e outra, responsável pela gestão financeira e do património da estação. Mas o protocolo não agradou a todos os funcionários e houve um segundo grupo que apresentou um outro texto, que previa a manutenção da Rádio Renascença como uma só empresa, num processo de co-gestão: dois gerentes nomeados pela entidade patronal e os outros dois, pela Assembleia dos Trabalhadores. O Patriarcado acabou por decidir-se pelo primeiro texto e nomeou um Conselho de Gerência, embora, reforçando o carácter peculiar da Renascença como emissora católica defendendo que a estação devia ter uma programação em consonância com o espírito da mensagem cristã, e que a Igreja não podia renunciar ao direito e ao dever assegurar a orientação católica da programação, e de ter a última palavra na admissão de pessoal. “Esta tomada de posição por parte do Episcopado não agradou nada ao primeiro-ministro Vasco Gonçalves que acusou os bispos de se estarem a intrometer num campo que não lhes dizia directamente respeito” (Ribeiro, 2001:107). Semanas depois, um conflito laboral que opôs trabalhadores e gerentes acabou por dar início a uma luta política pelo controlo da emissora católica. Em Fevereiro de 75 os trabalhadores do sector radiofónico deram início a uma nova greve, com o apoio de vários partidos políticos de extrema-esquerda e organizações sindicais. Mas nem todos os funcionários da emissora concordavam com os motivos da greve, nem tão pouco com os métodos de luta utilizados. Mas ainda assim, um grupo minoritário decide ocupar as instalações em Lisboa e o emissor da Buraca, emitindo uma programação de conteúdo extremista e anticlerical. “Este episódio marcou o isolamento definitivo dos funcionários do sector radiofónico da

capital, uma vez que os trabalhadores de todos os restantes sectores passaram a apoiar a posição da gerência” (Ribeiro, 2001:107). A luta dos trabalhadores descontentes radicaliza-se, e culmina numa manifestação, frente ao Patriarcado promovida pelos sindicatos da radiodifusão e pela UDP, que contou também com o apoio de outros sectores da extrema-esquerda, para quem a Rádio Renascença passou “ a funcionar como bandeira” (Ribeiro, 2001:107). A Igreja procurou responder com uma contra manifestação que reuniu cerca de um milhar de católicos e que terminou num arremesso de pedras que deu origem a dezenas de feridos. Após este episódio, PS e todos os partidos à sua direita, ficaram ao lado da Igreja Católica. Mas a consequência mais visível deste acontecimento foi o desencadear de várias manifestações a favor da Igreja provocando uma onda de indignação anti-extremista e anti-comunista. “O caso da Emissora Católica acabou assim por ter efeitos decisivos no rejeitar do modelo socialista e no desencadear do 25 de Novembro” (Ribeiro, 2001:108). A 2 de Dezembro de 1975, o presidente da República Francisco da Costa Gomes promulga o decreto-lei que constitui a "Empresa Pública de Radiodifusão” e avança com a nacionalização e reestruturação das emissoras de maior potência e alcance, concedendo apenas uma única excepção, à Rádio Renascença: “justificada pelo respeito devido aos vínculos dimanantes da Concordata com a Santa Sé e aos sentimentos religiosos do povo português. Tomado foi ainda em conta, embora que tão-só por antecipação e acréscimo, o disposto na disposição já aprovada do novo texto constitucional, que garante às confissões religiosas «a utilização de meios de comunicação social próprios para o prosseguimento das suas actividades».”¹ Este decreto-lei permite, assim que a Renascença não seja nacionalizada e se mantenha nas mãos da Igreja Católica. Em 78 dá-se início a uma nova fase de expansão, em que a emissora aposta no reforço da cobertura nacional. “Para fazer face às despesas de investimento foi lançada a “Campanha dos Novos Emissores”, para a qual contribuíram milhares de católicos de Norte a sul do país” (Ribeiro, 2001: 109). Um ano depois, a Renascença passa a ser a estação com maior audiência em Portugal. “No mês de Novembro, o “Estudo de Meios” da NORMA apresentava a RR com 34% de audiência total, o que correspondia a cerca de 2 milhões e 300 mil ouvintes. Tratou-se de uma subida surpreendente, se tivermos

¹“Ministério da Comunicação Social Decreto-Lei n.º 674-C/75 de 2 de Dezembro”, in http://www.igf.min-financas.pt/inflegal/bd_igf/bd_legis_geral/Leg_geral_docs/DL_674_C_75.htm, (Consulta em 22 de Junho 2010).

em conta que dois anos antes o mesmo estudo estimava a audiência da RR em pouco mais de 570 mil ouvintes” (Ribeiro, 2001:109).

Nos anos 80 e 90 mantém-se a tendência de crescimento que passa por uma consolidação do grupo, nomeadamente, através do lançamento de outras rádios. “A Rádio Renascença - Emissora Católica Portuguesa transmite através de dois canais nacionais: Canal Rádio Renascença (generalista) e RFM, este criado em 1 de Janeiro de 1987. Em 7 de Setembro de 1998 surgiu um novo canal de âmbito, a Mega FM, dirigido aos jovens (Lisboa, Porto e Coimbra). A Renascença produz ainda programação regional através de estúdios próprios em Braga, Porto, Viseu, Fátima, Leiria, Lisboa, Elvas e Évora”². A tendência de crescimento do grupo é visível no seguinte quadro referente ao *share* de audiências das cinco estações de rádio mais ouvidas em Portugal entre os anos de 1994 e 2002. O quadro mostra que apesar da RR ter sofrido uma quebra de audiência, mantém-se como líder. Sendo apenas superada pela RFM, no ano de 2002, o que permite que a liderança se mantenha dentro do grupo.

Share de Audiência das cinco estações de rádio mais ouvidas³

Anos	Rádio Renascença	Rádio Cidade	RDP	RFM	Rádio Comercial
1994	23,6	10,7	9,5	10,0	4,8
1995	20,8	10,1	17,3	8,7	4,8
1996	20,0	12,2	14,0	7,9	4,6
1997	18,3	13,3	12,9	8,9	4,7
1998	18,1	13,1	11,6	10,1	5,0
1999	18,8	10,3	10,3	9,1	8,4
2000	19,3	9,5	8,0	10,7	13,2
2001	18,6	7,8	7,6	18,6	12,2
2002	19,9	5,4	9,5	23,2	9,9

Uma tendência que se mantém até 2007. “Se lermos o *share* à luz da agregação das rádios pelos seus grupos económicos, percebemos a posição de liderança do grupo da Rádio Renascença. Neste inserem-se as seguintes rádios: R. Renascença, RFM, Mega

² “Rádio”, in Gabinete para os meios de Comunicação Social, <http://www.ics.pt/index.php?op=cont&cid=78&sid=329> (Consulta em 22 de Junho 2010).

³ “Rádio”, in Gabinete para os meios de Comunicação Social, <http://www.ics.pt/index.php?op=cont&cid=78&sid=329> (Consulta em 22 de Junho 2010).

FM e todas as regionais da Renascença, com uma média de 40,3% do total de *share* de 2003 a 2007. Segue-se o Grupo da Media Capital Rádio (...) com um *share* médio de cerca de metade (21,8%) Em terceiro lugar esteve o Grupo RDP (...) com cerca de metade do anterior (11,9%). Por fim, a TSF registou uma média ao longo da série de 5,7%.”⁴. Já em 2010 (dados relativos ao 1º trimestre) o Grupo Renascença mantém-se líder de audiências com 41,4% de *share*⁵.

No novo milénio a emissora católica surge com uma nova imagem e com uma mudança de posicionamento, com vista a atrair mais ouvintes na faixa etária entre os 35 e os 54 anos. Em 2006 o director de programas, Nelson Ribeiro, afirmava que essas mudanças não colocavam em causa a génese da estação: “Não haverá “uma ruptura com a matriz católica da Renascença. A emissora vai manter a sua essência na selecção de conteúdos, na abordagem dos temas e informação.”⁶ No 2.º semestre de 2008 surge a rádio Sim”⁷, e em 2009 surge aquela que é actualmente a grande aposta da Renascença: o multimédia. Embora a rádio já estivesse presente na Internet, é nesta altura que se dá uma renovação do *site*, fazendo com que a rádio se assuma como um órgão de comunicação social multi-plataforma. De acordo com Pedro Leal, Director-Adjunto de Informação, “A informação, enquanto órgão de informação, pretende ser um órgão total. Ou seja, dá a notícia, explica a notícia e mostra a notícia”.⁸ Assim o novo site oferece, através do multimédia, toda uma nova dimensão da rádio. “O reforço dos conteúdos de opinião, na área da informação, o aumento dos conteúdos com a marca Bola Branca na secção de desporto, mais música e debate na área de programação, visível através do novo espaço, onde semanalmente são abordados temas ligados a família, saúde,

⁴ “Rádio”, in Anuário da Comunicação 2006-2007 Obercom, http://www.obercom.pt/client/?newsId=14&fileName=anuario_06_07_radio.pdf (Consulta em 22 de Junho 2010).

⁵ “Markttest disponibiliza 1ª vaga 2010 do Bareme Rádio” in Markttest, http://www.markttest.pt/produtos_servicos/Bareme_Radio/default.asp?c=1014&n=2134 (Consulta em 24 de Junho 2010):

⁶ “Rádio Renascença quer cativar ouvintes mais jovens”, in JPN, www.jpn.icicom.up.pt (Consulta em 1 de Junho 2010).

⁷ “Rádio”, in Gabinete para os meios de Comunicação Social, <http://www.ics.pt/index.php?op=cont&cid=78&sid=329> (Consulta em 22 de Junho 2010).

⁸ “Renascença a nova dimensão da rádio”, in Rádio Renascença, www.rr.pt (Consulta em 01 Junho 2010).

educação, entre outros.”⁹ Para além desta vertente inovadora, o *site* pretende, igualmente, proporcionar uma maior interactividade com os ouvintes. O director de Programas, Nelson Ribeiro, explica que um dos objectivos é “estretar através da Internet, essa relação de proximidade que existe por parte de quem faz a Renascença e de quem ouve a Renascença, todos os dias”.¹⁰

Actualmente o grupo encontra-se em fase de reestruturação, à qual corresponde uma nova designação: R/Com. Em breve, deverão ser lançados três novos projectos: uma rádio *online* de Informação e duas *Web Tv*'s.

O Processo de Elaboração do Destaque do Meio-dia

Durante o estágio curricular tive, como já referi, a oportunidade de acompanhar diariamente todo o processo de produção e realização do “Destaque do meio-dia”. Neste ponto do trabalho, vou procurar retratar todo esse processo com base na observação por mim realizada.

A primeira etapa na “construção” do “Destaque” diz respeito à escolha do tema, que pode surgir sob diversas formas. Pode ser um assunto que esteja em agenda, como foi o caso do 5º aniversário da Casa da Música do Porto. Nestas situações, há a possibilidade de preparar com uma maior antecedência algumas peças, nomeadamente, entrevistas e reportagens. No entanto, os temas agendados correm sempre o risco de serem preteridos por acontecimentos que venham a surgir entretanto, e que pelo seu valor notícia, se assumam como o assunto mais importante do dia, obrigando a que o “Destaque” se centre neles. A escolha do tema pode também ter como ponto de partida uma notícia publicada por um jornal. Razão pela qual, todos os dias, Editor e jornalistas que fazem parte da equipa que produz o “Destaque do meio-dia”, analisam todos os jornais e revistas que chegam à redacção. Aliás, essa é mesmo a primeira tarefa que os jornalistas executam, para estar a par de todas as notícias das últimas 24h horas. Mas

⁹ “Renascença renova site”, *in*, Meios & Publicidade, www.meiosepublicidade.pt (Consulta em 01 Junho 2010).

¹⁰ “Renascença a nova dimensão da rádio”, *in* Rádio Renascença, www.rr.pt (Consulta em 01 Junho 2010).

Sérgio Costa, jornalista da Rádio Renascença, lembra que a notícia do jornal serve apenas como mote: “Por vezes o assunto escolhido para o “Destaque” pode surgir inicialmente num jornal diário e posteriormente tentamos desenvolver o assunto abordando ângulos diversificados.”¹¹ Para além dos jornais, a Internet é uma outra fonte de informação. Pelo que compete também aos jornalistas estarem atentos ao ciberespaço. José Bastos, editor de Internacional evoca a jornalista espanhola e provedora do leitor do jornal “El País”, Pérez Oliva, para lembrar que a Internet está a mudar a forma de trabalhar dos jornalistas: “Pérez Oliva sublinhava, recentemente, que a notícia pode saltar de um comentário a qualquer momento em qualquer sítio do planeta: todos observam todos, não há exclusivo que dure mais de cinco minutos, ou o tempo que leve a ser reproduzido”.¹² E Sérgio Costa dá mesmo um exemplo de uma declaração que deu origem a um “Destaque”: “Em Dezembro de 2009, em entrevista à Renascença, o vice-presidente da bancada parlamentar socialista, Ricardo Rodrigues, afirmou que se a oposição mantivesse uma postura de constante reprovação ou alteração de propostas lançadas pela maioria relativa do PS (no que ele definiu como esticar de corda), a queda do governo seria inevitável, o que conduziria o país para novas eleições. Naturalmente que, pela polémica suscitada e pela novidade, esse foi tema de Destaque.”¹³ Mas também tive oportunidade de verificar que nem sempre o tema escolhido acaba por ser a primeira opção. Podem surgir constrangimentos de diversas ordens, que obriguem a uma mudança de tema. “A principal dificuldade prende-se com a recusa em prestar depoimentos. Não será de todo possível produzir um destaque de 10 minutos com falta de depoimentos”¹⁴, afirma Sérgio Costa. Partindo de vários pontos possíveis o tema do “Destaque do Meio-dia”, começa a ser definido logo de manhã, em conjunto pelos elementos que constituem a equipa que trabalha neste noticiário. Ao todo, são quatro elementos, mas nem sempre estão todos presentes. Os casos mais frequentes que levam à ausência destes profissionais estão relacionados com o direito a gozar folgas, decorrente do trabalho exercido durante o fim-de-semana, férias, ou no caso do Editor de Internacional, reuniões que obrigam à sua deslocação até à redacção

¹¹ Em entrevista por escrito concedida a 22 de Abril de 2010.

¹² Em entrevista por escrito concedida a 22 de Abril de 2010.

¹³ Em entrevista por escrito concedida a 22 de Abril de 2010.

¹⁴ Em entrevista por escrito concedida a 22 de Abril de 2010.

de Lisboa. Para além destes quatro elementos, qualquer outro jornalista pode dar o seu contributo para o “Destaque” sempre que isso se justifique e que o Editor o solicite.

Depois de escolhido o tema, importa decidir de que forma é que ele vai ser abordado. Os ângulos possíveis, os testemunhos que importa ouvir, tudo aquilo que é fundamental para que o ouvinte disponha das informações necessárias para compreender a situação, e posteriormente, fazer a sua própria interpretação do assunto em causa. É também nesta fase que o Editor decide a melhor forma de transmitir a informação ou o testemunho. Pode ser uma entrevista por telefone ou presencial; uma reportagem em directo ou em diferido, um comentador em estúdio, um *vox-pop*¹⁵, etc. Tudo depende do tema, mas também dos recursos disponíveis, porque há um factor que está sempre presente: o tempo. Por exemplo, um tema que está a ser preparado de véspera não tem as limitações de um tema que surge no próprio dia e como segunda opção. Ou seja, se de manhã se decidiu por um tema, mas se chega à conclusão de que não é possível avançar por falta de testemunhos, e tem de se mudar para um outro tema, o tempo disponível torna-se escasso. Logo, é provável que uma entrevista em que o ideal era que fosse realizada presencialmente, tenha de ser efectuada por telefone. Ou, ainda, que apesar do assunto em causa, merecer uma reportagem no local, é possível que não haja tempo (consoante a distância) para enviar um repórter para a fazer. Contudo, estas e outras situações, só podem ser avaliadas na altura própria e fazem parte do lote de desafios que o Editor enfrenta diariamente. Uma das suas outras funções é distribuição do trabalho. De acordo com a abordagem que se optou por fazer, cabe ao Editor decidir quem faz o quê. Sendo que um mesmo jornalista pode fazer várias peças. Embora todos os profissionais devam estar aptos para executar qualquer uma das tarefas que lhes seja solicitada, numa equipa como a do “Destaque do meio-dia” é habitual que os jornalistas acabem por desempenhar quase sempre o mesmo tipo de funções. Ou seja, há aqueles que fazem, essencialmente reportagem, há outros que raramente saem da redacção e se dedicam mais às entrevistas por telefone, ou a editar sons. Mas o mais importante é que este é um trabalho de equipa, ainda que o ouvinte raramente tenha percepção da quantidade de pessoas envolvidas no processo de “construção” de todo o

¹⁵ Provém da expressão Latina *vox populi* que significa a voz do povo. Trata-se de uma espécie de inquérito de rua, em que o jornalista vai recolher opiniões sobre determinado assunto. Tem um carácter meramente ilustrativo da realidade, sem existir uma preocupação noticiosa, até porque nem os entrevistados são identificados, nem existem critérios definidos para a selecção da amostra.

noticiário. Também é de salientar, que caso se trate de um tema que já tenha sido abordado nos blocos informativos anteriores, no período da “Manhã 1”, por exemplo, mas que será desenvolvido mais aprofundadamente no “Destaque do Meio-dia”, se existirem já sons, os mesmos podem ser reutilizados. Da mesma forma que, seja qual for o tema, os sons usados no “Destaque” podem ser recuperados nos noticiários seguintes, sempre que se justifique. Se durante o processo de recolha de informação, nomeadamente durante uma entrevista, o jornalista que a executa verificar que há uma informação que devido à sua importância merece “ir para o ar”, o mais depressa possível, esse som também pode entrar nos blocos informativos anteriores ao “Destaque”. Sendo que é habitual ser feita uma chamada de atenção, por parte do jornalista que está a editar o noticiário, para dizer que aquele é um assunto que irá ser desenvolvido ao meio-dia, no “Destaque”.

Após ter sido recolhida a informação, os jornalistas apresentam ao editor aquilo que têm de mais relevante, e ambos discutem o *lead* e as informações que importa fazerem parte da peça. Sendo que a última palavra cabe, sempre, ao Editor. O tempo que leva a preparar o “Destaque” não é exacto, depende de uma série de factores, que já foram referidos, tais como os entrevistados, o tipo de peças, o tema escolhido, entre outros. E são esses factores que vão determinar o tempo disponível para a produção do noticiário. A equipa chega à redacção às 07 horas da manhã e o “Destaque” tem de ir para a antena às 12 horas. Sendo assim, estamos perante um período de 5 horas, mas não é conveniente estar a ligar para um entrevistado às 07:30, pelo que, é costume fazê-lo apenas depois das 09h. Por isso, eu diria que o tempo médio de preparação situa-se entre as duas e as três horas. Não creio que exista um *deadline* pré-estabelecido como limite para se começar a preparar o “Destaque”, no entanto, penso que menos de duas horas pode ser arriscado, na medida em que pode faltar tempo para concretizar algumas coisas.

Enquanto os jornalistas trabalham as peças que lhes foram atribuídas, editando os sons, escrevendo o texto, gravando o texto, e fazendo a montagem da peça, o Editor está já a trabalhar no alinhamento do noticiário. O objectivo é apresentar a informação como se de uma história se tratasse, sendo que, em primeiro lugar surgem sempre as notícias mais importantes. Nesta fase, o Editor, procura saber a forma como os jornalistas começam as suas peças, para escrever o lançamento das mesmas, com vista a criar uma sequência lógica e uma transição “suave” entre os diferentes textos que

compõem o “Destaque”. No alinhamento constam também as indicações de todos os sons que vão para o ar, desde peças, RM’s, sons em directo, entre outros. Estas indicações são de extrema importância porque permitem ao Editor saber as pausas que tem de fazer, a entoação que tem de dar, mas também assumir o controlo de todo o noticiário, nomeadamente em termos de tempo. Pois uma vez que o “Destaque” é feito em directo, convém que o Editor saiba o tempo que vai durar cada uma das peças que vão entrar no noticiário. Alguns minutos antes de ir para a antena, o alinhamento é entregue ao técnico que vai prestar apoio à emissão, para que este também tenha conhecimento de todos os sons que vai colocar no ar e a ordem pela qual eles deverão aparecer. Durante o noticiário o Editor faz um sinal ao técnico sempre que pretende que este “lance” o próximo som.

PARTE II

O Destaque do Meio-dia da Rádio Renascença

Introdução

O presente estudo surge no âmbito do estágio curricular do Mestrado, que realizei na Rádio Renascença entre os dias 28 de Setembro e 23 de Dezembro de 2009. O estágio desenvolveu-se na redacção do Porto, responsável por assegurar a informação noticiosa no horário habitualmente designado de “Manhã 2”, que produz os noticiários entre as 10h e as 14h. Tendo acompanhado e, até certo ponto, participado da rotina produtiva da “Manhã 2”, achei por bem, que este estudo estivesse relacionado com o trabalho desenvolvido pela mesma.

Este trabalho pretende traçar o perfil do “destaque do meio-dia” da Rádio Renascença. Um noticiário alargado, de carácter diário, sobre um tema específico. Para realizar a análise foram tidos em conta os “Destaques” que passaram na antena, durante a semana de 2 a 6 de Novembro de 2009, que foi escolhida aleatoriamente. O método utilizado é análise de conteúdo, que assenta na análise quantitativa dos temas, tipos de peças e fontes. O objectivo é caracterizar este espaço informativo, ao mesmo tempo que se tenta perceber quais as suas bases e linhas orientadoras. O assunto torna-se relevante na medida em que este formato não tem lugar noutras estações de rádio nacionais sendo assim uma marca da Rádio Renascença.

O facto da escolha ter recaído sobre o “Destaque do Meio dia” prende-se, não só pelo facto de ter sido objecto de observação e participação, da minha parte, mas também, pelo seu carácter singular. Trata-se de um noticiário mono temático, o único do género em toda a programação da Rádio Renascença. Mas também, como já foi referido, exclusivo da estação, tendo em conta que não existe nada de semelhante no panorama informativo radiofónico nacional. Creio que o tema é relevante, não só pelos motivos já apresentados mas também porque não existe qualquer estudo prévio sobre o mesmo, o que constituiu uma dificuldade acrescida. No entanto, penso que poderá ser útil, até para investigações futuras, mais aprofundadas, existir já uma base, um ponto de partida. Assim, com este trabalho pretende-se traçar o perfil deste noticiário, enquadrá-lo na estrutura informativa da estação, bem como perceber alguns pressupostos que servem de base à sua edição.

A análise centra-se em três categorias principais: temas, tipos de peças e fontes de informação. Em primeiro lugar pretende-se saber quais os temas que surgem com

mais frequência, mas também os critérios que lhes estão subjacentes e as razões que levam a escolher determinado tema em detrimento de outros. Em segundo lugar, saber como é apresentada a informação: quais os géneros jornalísticos presentes e o que é que representam essas escolhas. Em terceiro lugar, se há alguma preferência relativamente ao tipo de fontes. Neste sentido o objectivo é responder às seguintes questões: Existem temas preferenciais ou qualquer assunto pode ser objecto do “destaque”? Há uma aposta na diversificação das peças jornalísticas? Existe um recurso tanto a Fontes Oficiais como a Não Oficiais?

Os resultados revelam que o “Destaque” pode incluir qualquer tema, sendo que os temas estruturantes são mais frequentes, talvez por terem um maior impacto no dia-a-dia das pessoas. Existe uma grande diversidade de conteúdos mas cujo potencial esbarra numa estrutura que recorre frequentemente ao uso da “Declaração”, não tirando partido de outros tipos de peças que imprimem ritmo ao noticiário e que possam contribuir para um processo comunicativo mais eficaz. Relativamente às fontes existe uma preocupação em estabelecer um equilíbrio entre Oficiais e Não Oficiais, com uma tendência para dar preferência às Fontes Oficiais como, de resto, é prática corrente no jornalismo.

A Informação Sonora

A rádio ainda é, porventura, o meio de comunicação social mais democrático, na medida em que é aquele que chega a mais pessoas, em todo o mundo e de forma mais acessível. Por um lado, porque se trata de um meio tecnologicamente barato, ao contrário da televisão ou da imprensa. Por outro, porque não exige da parte de quem o escuta, grandes competências intelectuais. Requisito fundamental para a imprensa ou para a internet, dois meios vedados a toda a população analfabeta. Isto porque se trata de um meio consideravelmente simples, o que leva a que seja muitas vezes visto como o “parente pobre” da comunicação social. Mas essa simplicidade que caracteriza a rádio é também, talvez, a sua maior vantagem, relativamente aos restantes meios de comunicação. Dado que é nela que reside a sua capacidade de chegar mais longe e a mais pessoas. Numa situação de emergência, por exemplo, a rádio apresenta-se capaz não só de continuar a informar, como também de ser a mais rápida a fazê-lo. “Em caso

de catástrofes, como terremotos e inundações, em situações tão díspares como uma guerra ou um apagão generalizado de uma cidade, a rádio serve para informar da situação, manter o alerta e difundir normas e instruções necessárias para a população” (Muñoz e Gil, 2002: 13). Ainda recentemente sucedeu no Haiti um exemplo disso mesmo. Após o terremoto que devastou o país, em Janeiro de 2010, foi através de uma rádio que os haitianos puderam tomar consciência do que se estava a passar, das ajudas que iam chegando e de como lhes podiam aceder. Foi também através dessa rádio que muitas pessoas conseguiram reencontrar os seus familiares, bem como dar informações às equipas de resgate, sobre a localização de pessoas que estavam soterradas. Estas são algumas das razões que contribuem para que a rádio seja um meio de inestimável valor, capaz de sobreviver e cumprir o seu propósito nas situações mais adversas e elementares.

A simplicidade de que se falava anteriormente, e que caracteriza a rádio, reside no facto desta ter como linguagem principal, o som. Ao contrário dos outros meios de comunicação que combinam dois ou mais tipos de linguagem (palavra, som, imagem), a rádio é som. “A rádio é um meio de comunicação ambivalente, instrumental, à distância, colectivo, directo, recente, efémero e que utiliza como veículo físico primário o som (Muñoz e Gil, 2002: 17). O som é, de facto, o principal elemento expressivo da rádio, assumindo múltiplas funções. É apenas e só através do som, que a rádio comunica, informa e entretém. “Sem imagem ou a palavra escrita, a emissão radiofónica hertziana estabelece um vínculo comunicativo com os seus ouvintes a partir dos códigos e ícones da realidade que as diversas sonoridades constroem ao serem emitidas. É a partir desses sons que os ouvintes criam imagens mentais sobre aquilo que ouvem (Bonixe, 2007: 29). A comunicação em rádio faz-se com base na palavra oral, efeitos sonoros captados na realidade, música, sons tecnificados (criados pela técnica radiofónica), e é a mistura de todas essas sonoridades que permite que se estabeleça um discurso. “A narração radiofónica enriquece-se graças às múltiplas possibilidades combinatórias das diversas fontes sonoras que se utilizam, sejam da mesma natureza (várias vozes) ou de naturezas distintas (voz, música ou efeitos). E nessa mescla heterogénea há um duplo enriquecimento: por um lado a natureza particular de cada fonte favorece a heterogeneidade estética e de conteúdos, e por outro lado, a alternância de elementos gera ritmo de forma automática” (Soengas, 2006: 101).

Na informação, que é o que interessa no presente trabalho, é igualmente através do som que a mensagem vai chegar ao ouvinte. Mas porque estamos no plano informativo, o objectivo é fazer um retrato o mais fiel possível daquilo que se passa na realidade. Pelo que a dificuldade passa por seleccionar a melhor forma de articular os sons disponíveis, provenientes de várias fontes, de forma a que o ouvinte obtenha esse mesmo retrato. “O desafio na informação radiofónica é o de reproduzir a realidade utilizando para isso apenas o som. Sem a ajuda da imagem, a rádio reproduz a realidade construindo imagens auditivas que facilitam a descodificação das mensagens e as tornam mais próximas dos ouvintes, e como tal perceptíveis” (Bonixe, 2007:33). Segundo Xosé Soengas (cit. por Bonixe, 2007:33) as imagens auditivas funcionam no campo da informação a três níveis distintos: Informativo (ajudam a compreender o conteúdo da informação, facilitando a descodificação); Referencial (proporcionam a percepção e a ligação ao espaço geográfico); Expressivo (através das imagens auditivas o ouvinte recebe sensações que o ajudam a assimilar aspectos conotativos próprios das mensagens). Cabe ao jornalista seleccionar os sons de que dispõe, e apresentá-los de maneira a que o ouvinte encontre neles, tudo o que precisa para compreender a totalidade da informação transmitida.

Na informação radiofónica a presença ou ausência de determinados sons pode significar a existência ou a inexistência da notícia. Isto porque há notícias que simplesmente não existem senão houver as declarações do protagonista, por exemplo. Mas mesmo naquelas situações em que o relato de um acontecimento vale por si só, a notícia sairá enriquecida, se dela fizer parte um som que a reforce e lhe dê uma credibilidade acrescida. “ A utilização de sons captados no tempo e no espaço em que decorre a acção atribui à peça radiofónica credibilidade, para além de ajudar a criar ambientes” (Bonixe, 2007:49). Mas para além desse acréscimo de credibilidade e do facto de proporcionar ao ouvinte mais elementos que o ajudam a compreender a mensagem, o som, ou a ausência dele, pode também atribuir uma significação ao assunto. Isto é, pode ainda informar o ouvinte acerca do valor que o jornalista atribui a determinado acontecimento, principalmente quando se tratam de declarações ou testemunhos. Pois uma notícia sem declarações, pode significar que não foi possível obtê-las, mas também, que o tema não possui relevância suficiente para as incluir (Bonixe, 2007: 41). Neste sentido, podemos retirar a seguinte conclusão: “A construção sonora da realidade depende, assim, de três pilares fundamentais: os sons do

acontecimento, a construção feita pelo jornalista e a imagem mental criada pelos ouvintes (Bonixe, 2007: 50). Sendo que, em todas as etapas da produção informativa, o jornalista deve ter como preocupação essa imagem mental do ouvinte. Ou seja, deve articular os sons por forma a que o ouvinte construa uma imagem mental o mais próxima possível da realidade. Sendo certo que cada ouvinte irá produzir a sua própria imagem mental, tendo em conta que todos os indivíduos são diferentes.

No presente trabalho o som está subjacente aos três níveis de análise que foram definidos: Temas, Tipos de Peças e Fontes. Ou seja, é com base no som que se vai proceder à classificação destas três categorias. Dependendo do conteúdo dos sons, vão-se determinar os temas em destaque. Olhando para forma como os sons são articulados e apresentados, vão-se definir os tipos de peças. Determinando os protagonistas dos sons vão-se identificar as fontes. Por tudo isto, o som vai ser a matéria-prima para este estudo.

O “Destaque do Meio-Dia” na Programação da Renascença

Antes de se avançar para a análise, importa perceber o contexto em que o “destaque do meio-dia” se insere na programação da Rádio Renascença, bem como, conhecer os pressupostos da emissora.

A Rádio Renascença é um meio de comunicação de inspiração católica. Nasceu em 1937 através da Igreja, que viu na rádio, uma nova forma de apostolado. “Os objectivos da Emissora Católica foram sempre muito claros: tornar Cristo presente na sociedade e na cultura portuguesa, pela constante formação de uma opinião pública católica, consciente dos seus deveres e da sua missão” (Miguel, 1992: 89). Um dos principais impulsionadores do projecto Renascença, o Padre Lopes da Cruz (cit. por Ribeiro, 2001: 99), desde cedo deixou claro que os valores da Igreja serviriam de base à programação da Rádio Renascença: “A Emissora Católica não se destina apenas a transmitir longos sermões. Faremos também o que as outras fazem, embora sempre com critério e sentido católicos”. Actualmente a Rádio Renascença é parte integrante de um grupo de comunicação mais vasto, que se encontra em fase de reestruturação. “R/Com”

é a actual designação do grupo, que engloba outras rádios (RFM, Mega Hits e Sim); o jornal online “Página 1”; a empresa de publicidade “Intervoz “; e a “Genius e Meios” uma empresa de promoção de eventos e espectáculos, e de formação na área da comunicação. 60% Do grupo pertence ao Patriarcado de Lisboa e os restantes 40% à Conferência Episcopal. Mas 73 anos depois, apesar daquilo que é hoje a Renascença e da expansão que já está em marcha, a vocação missionária mantém-se, como assegura o director do grupo João Aguiar de Campos: “Antes de sermos emissora católica temos de ser emissor, e depois profissionais com um olhar evangélico sobre as situações”.¹⁶

A Rádio Renascença assume-se como generalista, sendo que Informação, Deporto e Religião, constituem uma parte importante da programação. Relativamente à Informação, que é a área de interesse deste trabalho, importa perceber a preponderância que esta assume na grelha da estação. A Renascença tem serviços noticiosos a todas as horas, 24 horas por dia. Esses blocos informativos têm a duração de 7 minutos e meio e têm como objectivo actualizar e desenvolver as notícias ao longo do dia informativo. Durante o período da manhã há também noticiários às meias-horas (06:30h / 07:30h / 08:30h / 09:30h) Também todos os dias, às 09:45h vai para o ar a revista de imprensa internacional, um espaço onde se faz uma breve ronda por aquilo que demais importante acontece no mundo. Existem ainda programas informativos, que vão desde a entrevista, passando pelo debate, reportagem até à opinião, e que variam consoante os dias da semana. Exemplo disso são os programas “Falar Claro”, “Terça à noite”, “Espaço Aberto”, ou “Edição Internacional”, que vão para a antena essencialmente no horário nocturno. Estes programas podem ser apenas sobre um tema como é o caso do “Res Publica”, um espaço dedicado ao centenário da República Portuguesa, ou do programa “Europa, para que te Quero?”, onde são abordados assuntos relativos à União Europeia. Mas, na sua maioria, são espaços que procuram discutir e desenvolver problemas e acontecimentos da actualidade, cuja abordagem varia consoante os protagonistas ou o formato do programa. Diariamente, logo após o noticiário do meio-dia, surge o “Destaque do meio-dia”, que será alvo de análise, no presente trabalho. Trata-se de um noticiário de 10 minutos que, segundo o jornalista Sérgio Costa¹⁷, tem como objectivo “desenvolver, explorando todos os ângulos possíveis, o tema mais forte da actualidade”.

¹⁶ “Gostaríamos de desafiar a Igreja para a constituição de um bom grupo de comunicação”, *in* Meios e Publicidade, www.meiosepublicidade.pt (consulta em 22 Abril 2010).

¹⁷ Em entrevista por escrito concedida a 22 de Abril de 2010.

O conceito deste espaço informativo é único a nível nacional, sendo por isso uma marca da emissora.

O “Destaque do meio-dia” é um espaço de informação mono temático que permite uma diversidade de géneros jornalísticos, que o formato rígido do noticiário¹⁸ não possibilita, nomeadamente por questões de tempo. Numa entrevista¹⁹ a Sérgio Costa, o jornalista revelou que o “Destaque” permite a divulgação de entrevistas com maior profundidade, a diversificação de reacções (de inúmeras sensibilidades), tornando o espaço mais democrático, e ainda ir para o terreno com reportagens, não esquecendo o comentário e a análise com uma visão independente sobre o tema principal. Sendo o “Destaque” um noticiário, cabe ao editor decidir os conteúdos, a forma como estes vão ser apresentados (notícia, reportagem, entrevista, etc.), e os jornalistas que os vão tratar. “De todos os temas e conteúdos possíveis, o editor seleccionará aqueles que no seu entender têm mais interesse e decidirá sobre o seu tratamento formal dentro do noticiário” (Ortiz e Marchamalo, 1994:130). Depois cabe também ao editor elaborar um guião onde estará formalizada toda a estrutura do noticiário e que servirá de guia de orientação não só para o editor, mas também para a equipa técnica. “O guião deve incluir todos os temas a desenvolver (textos, entradas, assim como a descrição dos suportes que se vão utilizar), embora fique sempre em aberto para informações que se possam produzir à última da hora e que, em muitos casos, vai tornar obsoleta alguma notícia incluída no princípio do guião” (Ortiz e Marchamalo, 1994: 130,131). Pelo que, o guião não tem uma estrutura fechada, deixando espaço para tirar partido da capacidade de instantaneidade que a rádio possui. “Outro desafio de um espaço de actualidade, opinião e análise como o Destaque é o de que tenho de estar preparado para uma Última Hora, uma *Breaking News*, um desenvolvimento de todo imprevisível, uma resposta provocatória, tudo. E quando digo tudo, é tudo mesmo”, refere José Bastos²⁰,

¹⁸ “Trata-se de um espaço de curta duração, entre três a cinco minutos, mas de amplíssimo alcance. Em cinco minutos, pontualmente e com uma periodicidade horária, a rádio generalista informa a sua audiência da última hora informativa. Fá-lo de forma global, tendo em conta que a limitação temporal é extraordinária, mas eficazmente” (MARTÍNEZ-COSTA, Maria del Pilar e MORENO, Elsa, 2004:63).

¹⁹ Ver Anexo 1.

²⁰ Em entrevista por escrito concedida a 5 de Maio de 2010.

editor principal do programa²¹. No “Destaque”, à semelhança do que acontece noutros noticiários o editor procura informar, como quem conta uma história, em que há uma linha de raciocínio que tem de ser facilmente assimilada pelo ouvinte. Caso contrário, a mensagem, perde-se. A esse processo dá-se o nome de “alinhamento”. A ideia é escolher a ordem pela qual as notícias vão ser apresentadas, por forma a que haja um fio condutor entre elas. Que tal como acontece em qualquer história, haja um princípio, um meio e um fim. No “Destaque do Meio-dia” o alinhamento procede-se, normalmente, de acordo com Sérgio Costa, tendo em conta a seguinte estrutura: “Tentamos sempre conferir um alinhamento lógico, com o factor novidade em primeiro lugar (...) Segue-se o plano das reacções (...) De seguida a reportagem que tem quase sempre como objectivo avaliar os efeitos de determinada questão junto da população e conferir a opinião comum. Por último o comentário e análise que sintetiza e avalia os efeitos de todas as opiniões anteriormente transmitidas”.

O “Destaque do Meio-dia” distingue-se dos restantes noticiários, por ser mono temático e pelo facto do tema em causa ser desenvolvido sob vários prismas. Aproximando-se mais de um formato característico da imprensa escrita, do que da rádio. Isto porque é habitual na imprensa escrita ter como ponto de partida um determinado acontecimento e depois, analisá-lo sob diversas perspectivas, quase até à exaustão. Neste sentido, o “Destaque” procura explicar e analisar os acontecimentos, muito à semelhança do que se pode ler nos jornais e que não é apanágio da informação radiofónica. A informação que, devido aos limites de tempo, não pode ser desenvolvida nos blocos informativos de hora a hora, dispõe desse espaço neste noticiário específico, que poderá ser entendido como uma forma de contrariar o limite temporal imposto pela programação, dando um contexto à notícia, investigando causas e consequências, por oposição à habitual informação de carácter imediato e efémero.

Metodologia

²¹ Ver Anexo 2.

O presente trabalho assume-se como um estudo de caso. Este tipo de trabalhos envolve, geralmente “pesquisas descritivas em que vários métodos e técnicas são combinados (desde a observação participante; às entrevistas, inquéritos, etc.) para investigar aprofundada e sistematicamente uma pessoa, um grupo, uma organização ou uma determinada ocorrência no seu contexto, dentro de um período determinado de tempo” (Sousa, 2006:322). Neste sentido a metodologia de análise desenvolveu-se segundo três fases ou métodos:

Observação Participante: A observação realizada durante o estágio sobre o processo de preparação do “Destaque do Meio-dia”.

Recolha de Dados: A recolha quantitativa de dados e o tratamento dos mesmos, que teve por base o método de análise de conteúdo (que será desenvolvido em baixo).

Entrevistas: As entrevistas realizadas a dois jornalistas que diariamente trabalham na concepção e realização do “Destaque” e que surgem como um complemento à análise de conteúdo. Os jornalistas entrevistados foram o José Bastos (Editor de Internacional), que é também o editor do “Destaque do Meio-dia” e conseqüentemente responsável máximo por aquele espaço informativo. E o Sérgio Costa (Jornalista) que não só desempenha funções enquanto jornalista que produz peças para o “Destaque” mas também assume o papel de editor, sempre que o José Bastos não o pode fazer, o que lhe permite ter duas visões e duas colaborações distintas no processo de produção deste noticiário. Procurei também entrevistar o Pedro Leal, subdirector de informação da Rádio Renascença e o mais alto responsável pela Informação na redacção do Porto. O objectivo era que ele pudesse dar uma visão mais global sobre os pilares e o propósito da informação da Renascença, por forma a realizar uma melhor caracterização da Informação da emissora, mas também para perceber o espaço e a importância que o “Destaque”, em particular, assume no interior da mesma. No entanto, a resposta a essa entrevista não chegou em tempo útil, por razões alheias à minha vontade.

Para analisar os “Destques”, bem como as notícias que deles fazem parte, procedeu-se ao método de análise do discurso conhecido como análise de conteúdo, que diz respeito à análise quantitativa do discurso. Este método permite “trabalhar com valores essencialmente quantificáveis, definidos por categorias estabelecidas e comprovadas em estudos similares. Desta forma, a colecta de dados é baseada na mensuração de textos e as conclusões expressas de forma numérica, o que facilita o

cruzamento de informações e a elaboração de tabelas e gráficos explicativos...” (Marques de Melo cit. por Sousa, 2006:345).

A amostra é composta pelas notícias que constam dos destaques que passaram na antena da Rádio Renascença entre os dias 2 e 6 de Novembro de 2009. São 5 destaques, com a duração de 10 minutos, cada.

Para realizar a análise torna-se necessário definir categorias. Este conceito permite classificar elementos substantivos do discurso. No estudo em causa definiram-se 3 categorias: Temas, Tipos de Peças e Fontes.

1. Temas

À semelhança do que acontece na imprensa, na rádio também existem editorias, ainda que, não sejam tão facilmente identificáveis, uma vez que nem sempre, o ouvinte é informado previamente sobre a temática da notícia que se segue. Ao contrário da imprensa onde essa informação consta, normalmente no topo da página, revelando ao leitor qual a editoria a que determinada notícia pertence. Segundo Carmen Carvalho (2007: 7) esta divisão dos conteúdos informativos surgiu como uma estratégia mercantilista. Dividindo os consumidores, que estão previamente identificados e mapeando os seus gostos e preferências, transformando-os em produtos, estamos perante uma estratégia de marketing para a obtenção de lucro no mercado. Desta forma, o consumidor do produto informativo pode, com maior facilidade, procurar apenas saber sobre os assuntos que mais lhe interessam. Assim, as editorias aparecem com o intuito de atender aos mais diferentes segmentos de públicos. “O conceito de segmentação da notícia é conhecido como “jornalismo especializado”: informação dirigida à cobertura de assuntos determinados e em função de certos públicos, dando a notícia em carácter específico” (Bahia cit. por Carvalho, 2007: 8). Um dos exemplos mais frequentes e mais influentes de jornalismo especializado é o jornalismo desportivo. Mas há muitas outras editorias: política, economia, internacional, cultura, etc., cuja prevalência varia consoante o órgão de comunicação social. Também na rádio, a informação é segmentada, agrupada, consoante os temas ou assuntos. A diferença é que a sua apresentação não é feita com base nas editorias, mas sim por ordem decrescente de importância das notícias. Ou seja, a informação é dada a partir da mais importante, para a menos importante, tendo em conta os critérios de noticiabilidade.

No “Destaque do Meio-dia” a principal característica reside no facto de todas as notícias serem sobre um mesmo tema. Logo, significa que diariamente está em relevo uma editoria. Mas pelo facto de estar em causa o meio rádio, onde as editorias não assumem grande relevância para o público, neste trabalho, vamos optar por substituir o termo editoria, por tema, que será entendido como uma subcategoria. Assim, estabeleceram-se as seguintes subcategorias: Política, Economia, Desporto, Religião, Saúde, Cultura, Internacional, Justiça, Educação, Sociedade, e Outros. Esta última visa contemplar todas as notícias que não se enquadrem em nenhuma das subcategorias anteriores.

2. Tipos de Peças

“Os géneros jornalísticos correspondem a determinados modelos de interpretação e apropriação da realidade através de linguagens. A realidade não contém notícias, entrevistas, reportagens, etc. Sendo uma forma de interpretação apropriativa da realidade, os géneros jornalísticos são uma construção e uma criação” (Sousa, 2005: 168). O mesmo é dizer que os géneros jornalísticos, mais não são do que formas estruturadas de transmitir aquilo que se passa no mundo. Notícia, reportagem, entrevista, crónica, comentário, análise, etc., são alguns dos géneros jornalísticos existentes, cuja preponderância varia consoante o meio e o órgão de comunicação. No presente trabalho vai ser dado relevo à notícia e à reportagem, por serem os dois géneros predominantes na amostra. Mas, optou-se por denominar esta categoria por “Tipos de Peças”, uma vez que o mesmo género jornalístico aparece sob diversas formas:

Notícia:

“ A notícia é a informação clara e breve sobre factos ou acontecimentos recentes (actuais e oportunos) de interesse social ou colectivo” (Muñoz e Gil, 2002: 127). É o género básico do jornalismo. Todos os outros derivam da notícia. “A notícia é concebida como um relato puro e realista dos factos e opiniões que aparecem na realidade. É uma narração de factos e circunstâncias para que as pessoas que não estiveram presentes tenham um conhecimento o mais exacto possível daquilo que ocorreu” (Herreros, 1992: 121). Mas o género jornalístico “notícia” contempla diferentes formatos. Ou seja, a notícia, em particular na rádio, pode apresentar-se sob diversas formas: com sons, sem sons, com testemunhos, sem eles, com a voz do jornalista alternada com todos estes factores, etc. Razão pela qual se decidiu analisar as

subcategorias que se seguem e não apenas ter em conta os géneros jornalísticos clássicos²². Importa também referir que as subcategorias referidas foram definidas com base nos géneros jornalísticos audiovisuais²³. Neste sentido, distinguiram-se, no âmbito da notícia, 3 subcategorias:

- a) **Notícia só jornalista** – É a notícia que é narrada somente pelo jornalista, que não o editor do noticiário, sem recorrer a RM's. O jornalista relata o acontecimento e pode até transmitir as declarações ou opiniões de terceiros, mas recorrendo ao discurso indirecto. É a notícia construída somente através da palavra dita que “é uma linguagem magnífica para resumir uma série de detalhes de uma maneira global e de fácil transmissão e compreensão por parte do destinatário. O que se pretende é que a versão oral da realidade seja um relato o mais fiel possível daquilo que ocorreu” (Herrerros, 1992: 122).
- b) **Notícia com RM'S** – É a notícia composta pelo relato do jornalista, que não o editor do noticiário, que alterna com a introdução de RM's, que podem ser declarações ou outros elementos sonoros, tais como ruídos, sons ambiente ou música. No caso dos RM's serem declarações é chamada a notícia com citações. “ A notícia com citações “com voz” tem uma estrutura geral similar à notícia estrita, mas alguns dos dados são expressos pela voz do protagonista dos factos ou pela fonte. A notícia assim preparada ganha em ritmo e sustentação, já que

²² “Correntemente, tipificam-se os principais géneros jornalísticos em **notícia, entrevista, reportagem, crónica, editorial e artigo (de opinião, de análise, etc.)**. Porém os géneros jornalísticos não têm fronteiras rígidas e, por vezes, é difícil classificar uma determinada peça, até porque, consideradas estrategicamente, todas as peças jornalísticas são *notícias*, se aportarem informação nova.” (Sousa, 2005: 168).

²³ Mariano Cébrian Herrerros define uma série de géneros jornalísticos audiovisuais que, segundo o próprio, resultam de uma tripla junção: “Primeiro, com a larga tradição dos géneros literários; segundo, com a prática dos géneros jornalísticos escritos; e terceiro, com a própria história da comunicação e informação audiovisuais” (Herrerros, 1992: 11). Assim, para Herrerros existem 3 grupos de géneros informativos audiovisuais:

- Géneros Expressivos e Testemunhais: Editorial; Comentário; Crítica; Crónica.
- Géneros Referenciais ou Expositivos: Notícia; Reportagem; Reportagem de Investigação; Relato Jornalístico; Documentário informativo; Documentário Dramático.
- Géneros Dialogais ou Apelativos: Entrevista; Inquérito; Conferência de Imprensa e Roda Informativa em Estúdio; Géneros Coloquiais e de Debate; Géneros de Participação Dialogal da Audiência.

introduz mudanças de voz e, sobretudo, pode incluir o cenário sonoro dos factos, transmissor de informação em si mesmo” (Prado, 1985: 53). Mas os RM’s podem ser todo e qualquer som que actue na composição da notícia. Para Herreros (1992: 123) os ruídos são a manifestação sonora da realidade, pertencem a qualquer realidade física, animal ou humana. E por isso, constituem um valor documental magnífico servindo de relato sem mais adições à situação.

- c) **Declaração** – Surge quando a notícia enunciada pelo editor é complementada com um testemunho de alguém, que não um jornalista. O editor apresenta a notícia e coloca no ar um RM. Tendo em conta que o vulgo conceito de RM (que significa registo magnético, embora actualmente se trabalhe com RD, registo digital) engloba vários tipos de sons, optou-se delimitar o conceito. Assim, por “declaração” entende-se que se trata apenas da palavra, ou testemunho de alguém. A declaração é usada para dar mais credibilidade à informação. “As declarações de protagonistas, testemunhos, personagens que ampliam dados (não confundir com entrevistas) são mais uma parte da notícia contada pelo informador” (Muñoz e Gil, 2002: 128).

Reportagem:

A reportagem usa-se para relatar os acontecimentos. Pode incluir outros géneros jornalísticos tais como a notícia ou a entrevista. É o formato que mais potencia a capacidade criativa do jornalista (Martín, 2007: 10). O factor que serviu de base, neste trabalho, para distinguir a reportagem da notícia é a indicação de que esta se realiza fora da redacção, no local onde ocorreram os factos. É essa, aliás, a essência da reportagem: “a ideia de exterior, de deslocação, fazendo justiça à etimologia da palavra em latim que significa transportar, levar... ao ouvinte as informações apuradas pelo repórter” (Meneses, 2003: 189). Assim, consideraram-se reportagens todas peças jornalísticas realizadas a partir do exterior. O que se aferiu através da indicação dada pelo editor, ao lançar o repórter na antena, ou pela percepção do meio envolvente, claramente exterior à redacção. Neste trabalho, optou-se por dividir o conceito de reportagem em duas subcategorias:

- d) **Reportagem só jornalista** – É aquela que conta apenas com as palavras do repórter. Quando este reporta os acontecimentos sem recorrer a RM’s. “Fazer uma reportagem significa, em grande medida, contar uma história. A reportagem

é um espaço apropriado para expor causas e consequências de um acontecimento, para o contextualizar, interpretar e aprofundar, mas sempre num estilo vivo, que aproxime o leitor do acontecimento, que “afogue” o leitor na história” (Sousa, 2005: 187). Aqui o jornalista narra a história com base naquilo que viu, nos testemunhos que recolheu, mas apenas e só, através das suas palavras, fazendo uma reconstituição dos factos ocorridos.

- e) **Reportagem com RM’s** – Consiste no relato dos acontecimentos com recurso a testemunhos, declarações ou outros sons, que ajudem a contextualizar os acontecimentos. Neste caso, a voz do jornalista passa para segundo plano. Herreros defende mesmo que palavra do repórter é só um factor coadjuvante para ressaltar a qualidade de uma reportagem. Mas que nas boas reportagens é cada vez mais escassa a palavra do narrador, sobretudo quando os sons se expressam por si só (Herreros, 1992: 155).

3. Fontes

De uma forma geral, fonte é toda e qualquer pessoa, organização, documento, acontecimento ou outros, a que o jornalista recorre para obter informação. “É todo aquele sujeito que possa, de alguma maneira, transmitir informações sobre um dado acontecimento ao jornalista. Essa informação pode ser transmitida pessoalmente ou através de ferramentas que façam a mediação da relação fonte – comunicador” (Lopez, 2009:2). Mas Vasco Ribeiro (2009: 18) chama a atenção para o facto de que “nem todas as notícias dependem de fontes externas, pois a fonte pode ser o próprio jornalista, quando observa o acontecimento”. Existem diversas teorias sobre fontes de informação, bem como, várias classificações que podem ser atribuídas às mesmas. Tendo em conta que este não é um estudo sobre fontes de informação, optou-se por fazer uma classificação simplista. Como tal, dividiram-se as fontes em 3 subcategorias: Oficiais, Não Oficiais, Não Identificas / Não atribuídas. Entendeu-se ser importante analisar as fontes, para perceber se existe alguma tendência para preferir umas em detrimento das outras.

f) **Fontes Oficiais:**

“São aquelas mantidas pelo Estado ou por instituições, como empresas, organizações, sindicatos, etc.” (Lopez, 2009: 10). São, normalmente,

consideradas mais fiáveis e por isso mesmo, são frequentemente valorizadas pelos jornalistas. Hall et al. (cit. por Santos, 1997: 29) considera que essa tendência se limita a reproduzir a ordem institucional da sociedade. Ou seja, parte-se do princípio que os mais poderosos ou com estatuto social mais elevado terão as suas definições mais bem aceites. Trata-se da hierarquia da credibilidade.

Neste estudo foram consideradas fontes oficiais, todas aquelas que se enquadram nas seguintes categorias: Órgãos de Soberania, Poder Executivo, Poder Legislativo, Poder Judicial, Forças Armadas, Partidos Políticos, Sindicatos, Universidades, Instituições Governamentais, Assessores de Imprensa, Portavozes, Relações Públicas, Empresas Públicas e Privadas.

g) Fontes Não Oficiais:

São as fontes não autorizadas, ou seja, não estão dependentes de nenhum tipo de poder, por isso falam apenas em nome do seu interesse próprio. São também mais espontâneas, uma vez que, podem nem sequer estar directamente relacionadas com o acontecimento, ou não apresentar nenhum interesse específico.

Consideraram-se fontes Não Oficiais as que derivam das seguintes categorias: Organizações Não Governamentais, Líderes de opinião, Analistas, Cidadãos individualizados, Movimentos sociais, Grupos de pressão, Especialistas, Grupos de pequena representação, Outros órgãos de Comunicação (não quando o órgão de Comunicação emite uma posição sobre um assunto que lhe diz respeito, mas sim, quando o jornalista recorre a notícias por ele veiculadas, relativamente a terceiros).

h) Fontes Não Identificadas / Não atribuídas:

Dizem respeito às notícias em que o jornalista ou o editor do noticiário transmitem determinada informação sem que a responsabilidade da mesma seja atribuída a alguém, ou nos casos em que a fonte não seja identificada.

Após a caracterização e definição das categorias e subcategorias em que foi dividida a amostra, importa referir que as unidades de análise dizem respeito às

subcategorias. Ou seja, o que se vai quantificar são as subcategorias. Por exemplo na categoria fontes, o que se pretende saber é quantas dessas fontes são Oficiais (subcategoria) e Não Oficiais (subcategoria).

Recorrendo à medição nominal, irá quantificar-se a frequência da ocorrência das unidades de análise dentro de cada categoria. Desta forma vai ser possível saber quais os temas, tipos de peça e fontes mais predominantes, procurando aferir as hipóteses que se seguem:

Hipótese 1: Os temas estruturantes para o país são os eleitos para o destaque do meio-dia.

Hipótese 2: Não há uma aposta na diversificação das peças jornalísticas.

Hipótese 3: As fontes oficiais são privilegiadas por oposição às fontes Não Oficiais

Para aferir estas três hipóteses foram analisados cinco noticiários, o que corresponde a 50 minutos de som.

Resultados

Tabela: Resultados da Medição Nominal das subcategorias verificadas no “destaque do meio-dia” da Rádio Renascença nos dias 2,3,4,5 e 6 de Novembro de 2009.

Categoria	Subcategoria	Totais	%
Temas	Política	3	60
	Economia	0	0
	Desporto	0	0
	Religião	0	0
	Saúde	0	0
	Cultura	0	0
	Internacional	0	0
	Justiça	2	40
	Educação	0	0
	Sociedade	0	0
	Outros	0	0
	Total	5	100
Tipos de Peças	Reportagem só jornalista	1	3
	Reportagem com Rm's	2	6
	Entrevista	0	0
	Debate	0	0
	Vox pop / Inquérito	0	0
	Crónica	0	0
	Declaração	26	79
	Notícia só jornalista	3	9
	Notícia com RM's	1	3
	Outros	0	0
		Total	33
Fontes	Oficiais	21	62
	Não oficiais	13	38
	Não identificada/ Não atribuída	0	0
	Total	34	100

De acordo com a Tabela verifica-se que em 5 dias foram abordados apenas 2 temas. Sendo que 3 dias foram dedicados à Política, o que se traduz num total de 60% e os outros 2, à Justiça (40%).

Relativamente às peças jornalísticas, o “Destaque do meio-dia” privilegia a “Declaração”, que aparece 79% das vezes, representando o grosso da informação transmitida. A “notícia só jornalista” surge por 3 vezes (9%), “notícia com RM’s”, uma vez (3%), a “reportagem só jornalista” uma vez (3%) e a “reportagem com RM’s”, duas vezes (6%). Não se verifica a presença de outros géneros jornalísticos para além da Notícia e da Reportagem.

Quanto às fontes de informação, recorreu-se a 21 fontes oficiais, o que corresponde a um total de 62%. E a 13 fontes Não Oficiais, que resultam numa percentagem de 38%. É de salientar que todas as fontes foram devidamente identificadas, não se tendo verificado uma única notícia com informação proveniente de fontes não atribuídas ou não identificadas.

Discussão dos Resultados

Relativamente aos temas, aquilo que sobressai é que em cinco dias foram abordados apenas dois temas: Política e Justiça. O que se explica pelo facto da semana que serviu de amostra ter sido pautada por dois assuntos dominantes. No campo da Justiça viviam-se os primeiros dias daquele que viria a ser o famoso “Processo Face Oculta”, ainda a correr nos tribunais. Um caso de alegada corrupção que envolve um empresário do ramo da sucata e altos quadros de empresas com participação do Estado. O caso tinha “rebotado” em finais de Outubro e dominou os meios de comunicação social durante várias semanas. Sendo que, em meados de Novembro, altura a que reporta a amostra, o fluxo de informações, nomeadamente o crescente número de empresas e personalidades alegadamente envolvidas, era constante, fazendo deste Processo um dos mais mediáticos na história da comunicação social portuguesa. Nessa semana, o caso “Face Oculta” dominava, como já se disse, os media nacionais. Mas durante dois dias, o assunto foi relegado para segundo plano porque na Assembleia da República, decorria o debate sobre o programa do Governo. Um debate que durou dois dias e que fez com que durante esse período de tempo todas as atenções estivessem centradas no Parlamento. O que é perfeitamente legítimo, pois tratava-se de discutir

aquele que seria o projecto da tutela para o país, durante os próximos quatro anos. A importância destes dois assuntos explica a predominância dos temas “Política” e “Justiça”, numa única semana. E enquadra-se naqueles que são os critérios que segundo Sérgio Costa, servem de base à escolha do “Destaque”: “A novidade absoluta, a relevância do tema para o auditório, a proximidade”. Embora não esteja comprovado estatisticamente, verificou-se de forma empírica, através da observação realizada durante o estágio curricular, que estes dois temas, “Política” e “Justiça”, bem como outros tais como “Saúde”, “Economia” ou “Educação”, estavam entre as preferências dos editores. Em detrimento de assuntos habitualmente vistos com maior ligeireza como o “Desporto” ou a “Cultura”. O jornalista Sérgio Costa refere que “A preferência dada a temas como “Política”, “Educação”, “Economia” etc., está relacionada com um maior volume noticioso e ainda com o facto de serem assuntos que estão relacionados com o dia-a-dia das pessoas”. O que vem confirmar a tendência para dar prevalência a estes temas, conforme revela a amostra.

No que ao tipo de peças diz respeito, verificou-se uma preponderância da “Declaração” que surge em 79% dos casos. Este resultado revela uma reduzida diversificação dos géneros jornalísticos utilizados. O que contribui para uma monotonia na informação, que se pode traduzir num factor de pouca atractividade para o ouvinte. Mas a respeito da “Declaração”, importa fazer a seguinte ressalva: Se é verdade que algumas destas declarações surgem em jeito de comentário / análise, o que sucede é que não foram consideradas comentário informativo, enquanto género jornalístico. Pois o género “Comentário” implica a presença em estúdio do comentador, o que não se verifica em nenhuma das situações constantes da amostra. “O comentário faz-se e difunde-se a partir do lugar onde está localizada a redacção da emissora. Deste modo produz-se um distanciamento físico dos factos para observá-los com a calma adequada” (Herreros, 1992: 67). Neste sentido, mesmo os testemunhos que foram apresentados sob a designação de “comentário” ou “análise”, foram considerados “Declaração”. Supõe-se que as referidas designações não queriam de facto fazer correspondência com o género jornalístico em causa, e mais não foram do que expressões orais frequentemente usadas no jornalismo radiofónico para introduzir o discurso de terceiros.

A combinação dos diversos géneros jornalísticos, contribui para dar ritmo ao noticiário, mas também para “prender” a atenção do ouvinte, que facilmente se abstrai se considerar a informação monótona. De acordo com Silvia Martín (2007:20) o recurso

a reportagens ou entrevistas, géneros que primam pelo diálogo, conduz a uma comunicação mais eficaz, proporcionando aos espaços informativos tornarem-se mais atractivos para o ouvinte. “O diálogo é uma das formas que mais nos aproxima da comunicação interpessoal, por isso os géneros que o empregam são os que melhor se adaptam ao meio, incrementando a proximidade psicológica com a audiência” E de facto, parece haver essa preocupação em colocar o diálogo na antena. Quer através de directos a que, pelo que pude observar, é sempre dada preferência relativamente ao deferido (sejam intervenções no exterior ou mesmo em estúdio), quer através das entrevistas, em que muitas vezes, apesar dos sons serem editados não se corta a pergunta ou a observação feita pelo jornalista, precisamente para dar essa noção de diálogo. Tendo tudo isto em conta, e principalmente a minha observação durante o estágio, parece-me que existe uma clara preocupação em manter a fluidez do noticiário e de captar a atenção do ouvinte do princípio ao fim, através de uma grande diversidade de depoimentos, e de colocar no ar várias vozes diferentes, ou até as mesmas, mas de forma alternada, mas sem uma grande consciência e preocupação relativamente ao aspecto formal através do qual esses depoimentos e vozes são apresentados.

Relativamente às fontes verifica-se uma predominância das fontes oficiais, o que vai ao encontro de uma tendência no jornalismo. Normalmente as fontes oficiais fazem parte das preferências dos jornalistas. O que de acordo com Mauro Wolf advém de quatro factores. Um deles é a produtividade, na medida em que este tipo de fontes corresponde melhor do que as outras, às necessidades organizativas das redacções, evitando o recurso a mais fontes para obter a mesma informação. Depois vem a credibilidade, já que a informação veiculada por fontes oficiais evita, muitas vezes, ter de ser confirmada por outras fontes, porque a responsabilidade da informação passa a ser da fonte e não do jornalista. Associada a este factor surge a “garantia” que, no caso da informação não poder ser confirmada, o jornalista procura basear-se na honestidade da fonte. E por fim, a respeitabilidade, tendo em conta que se apresentam como mais credíveis. Não só porque não podem permitir-se mentir, mas também porque são mais persuasivas em virtude das suas acções e opiniões serem oficiais (Wolf, 1999: 225,226). A estes factores acresce-se o meio rádio, onde o recurso a fontes não identificadas ou outras menos perceptíveis raramente se verifica, porque não resulta. Uma vez que a rádio se caracteriza pela sua instantaneidade torna-se necessário que o ouvinte perceba, sem margem para dúvidas, de onde provém a informação difundida. “A existência

apenas de um suporte/sentido (o som/ouvido) e a precariedade da escuta da rádio devem levar à identificação prévia e sistemática de todos os sons” (Menezes, 2003:68). O mesmo é dizer, que se devem identificar todas as fontes. “A informação escrita prevalece, a informação radiofónica acaba por ser mais efémera pelo que o recurso a fontes oficiais será mais credível”²⁴. Razão pela qual se explica o facto de não se ter verificado nenhum caso de fonte não identificada ou não atribuída.

Conclusões

De acordo com o estudo realizado verifica-se que é dada preferência a temas como “Política” ou “Justiça”. Pelo que se pode afirmar que se confirma a Hipótese 1: Os temas estruturantes para o país são os eleitos para o “Destaque do Meio-dia”. Tendo em conta que “Política” e “Justiça” são, sem dúvida, temas estruturantes. É de salientar que a preferência dada a estes dois temas resulta do facto de estarem em causa assuntos como o “Processo Face Oculta” e o “Debate do Programa do Governo”. Que não só conferem um enorme interesse noticioso como também acarretam um elevado número de notícias. De acordo com José Bastos: “A temática de escolha não é estanque: abrange um largo espectro dos temas de actualidade, *current affairs*, na expressão inglesa que prefiro: temas com impacto na vida quotidiana das pessoas (combustíveis, por exemplo), saúde, educação, ambiente, novas tecnologias”²⁵. Pelo que, se poderá acrescentar que para além dos temas estruturantes, têm lugar no “Destaque”, todos aqueles que influenciam a vida das pessoas. Neste sentido os critérios que servem de base à escolha dos temas são, segundo José Bastos, “os mesmos critérios tradicionais de impacto, relevância, proximidade que filtram as opções noticiosas nos jornais radiofónicos mais “tradicionais”, mas que podem, em função das circunstâncias ser alterados”²⁶ isto, embora o Editor chame a atenção para o facto da Internet estar a mudar a forma como o jornalistas atribuem valor aos acontecimentos: “A Internet está a alterar os parâmetros de valoração das notícias. A proximidade pode não ser já o valor

²⁴ Em entrevista por escrito concedida a 22 de Abril de 2010.

²⁵ Em entrevista por escrito concedida a 5 de Maio de 2010.

²⁶ Em entrevista por escrito concedida a 5 de Maio de 2010.

relevante, o relevante pode ser algo relativo, passível de ser desalojado pelo que causa maior impacto”.²⁷ No entanto, da observação realizada durante o estágio, poder-se-ia afirmar que mesmo que a amostra fosse outra, o tema “Política” seria prevalecente. Não só porque de uma forma empírica se aferiu que este é um tema que está quase sempre presente nos “Destaques” mas também, porque mesmo sendo outro o tema em evidência, o mesmo é, muitas vezes, tratado sob um prisma político. Exemplo disso é o “Destaque” do dia 2 de Novembro sobre o Processo Face Oculta, em que após serem fornecidas algumas informações novas sobre o Processo e se ter feito um “ponto da situação” do mesmo, os testemunhos que surgem na antena, e que compõem a maior parte do “Destaque” fazem uma análise que, embora se centre num acontecimento ligado à “Justiça”, poderá ser entendida como política. Ou seja, coloca-se em causa se há condições para que os arguidos no Processo (titulares de cargos de chefia) se devam manter em funções, sob pena de envolverem as empresas que representam num escândalo de corrupção. Se, face ao fenómeno da corrupção, o sistema judicial e as instituições responsáveis pela supervisão das empresas envolvidas funcionam. Estas questões levam a pensar se, não será esta, uma análise política? Não estão aqui a ser retiradas consequências políticas? Por um lado, relativamente aos arguidos, ao ser sugerida a possibilidade de renúncia dos cargos que ocupam, pelo facto de estarem envolvidos num escândalo de corrupção. Dado que apesar do estatuto de arguido contemplar a presunção de inocência e, à data dos acontecimentos não ter havido um julgamento, muito menos uma condenação, são apontadas já consequências políticas. Por outro, quando se põe em causa o funcionamento do sistema judicial e das instituições envolvidas nos processos de supervisão. Pois ao avançar-se para uma eventual reestruturação no sector da “Justiça”, a mesma, terá sempre de partir de uma discussão e decisão políticas.

Sobre o facto do “Destaque” incidir, não raras vezes, nos mesmos temas será interessante referir o facto de, quando confrontados com a pergunta se seria possível fazer um “Destaque” sobre “Cultura” ou “Desporto”, ambos os jornalistas terem respondido que sim e apontado um mesmo exemplo. Os dois referiram um “Desataque” em que o tema foi o 5º aniversário da Casa da Música do Porto. A opção pela mesma resposta pode prender-se com o facto daquele tema ter sido o exemplo mais recente de

²⁷ Em entrevista por escrito concedida a 5 de Maio de 2010.

um “Destaque” sobre “Cultura” e por isso mesmo, estar mais presente na memória de ambos. Mas também, pode indiciar a pouca frequência com que estes temas são tratados, levando a que os dois se tivessem lembrado do mesmo “Destaque” porque outros exemplos, não estariam tão presentes nas suas lembranças. Relativamente ao “Desporto”, é um facto que este assunto dispõe de espaço próprio, e até com grande visibilidade, na programação da Renascença. Talvez por isso, não tenha verificado, durante o estágio, nenhum “Destaque” relativo a esse tema. De acordo com o José Bastos, essa é a razão pela qual o “Desporto” não é um assunto frequente neste noticiário, mas quando se justifica também pode ser tratado. “Sobre o desporto, apesar dos espaços próprios da informação existentes, também já se fizeram Destaques alargando o âmbito meramente sectorial do tema e procurando o seu impacto social. Por exemplo: o legado do Euro 2004 para a promoção do desporto em Portugal. Porquê só foi construído um estádio com pista de atletismo, o de Leiria?”²⁸ Quando José Bastos se refere ao “alargando o âmbito meramente sectorial do tema” vai ao encontro daquilo que foi referido anteriormente, de que apesar de estar em causa um tema muito concreto como “Desporto”, a abordagem pode ser outra. A avaliar pelas suas palavras é possível que tenha havido aqui uma abordagem política ou económica, o que nos remete, uma vez mais, para os temas estruturantes. Mas como o próprio diz, procurando sempre avaliar “o seu impacto social”, o que está em consonância com um dos objectivos do “Destaque”, por ele referido: o de incidir sobre temas que “tenham impacto na vida das pessoas”.

Curioso é também o facto de em plena crise económica, durante a semana em análise não ter havido um único dia dedicado às questões económicas. Até porque para o editor, na actual conjuntura este é um tema prioritário: “Evidentemente que nos dias que passam, a crise, a Economia está no primeiro plano. Apesar disso tento focar a minha atenção editorial num espectro muito amplo de temas, sem nunca esquecer a área do Internacional que julgo ser de máxima relevância na antecipação de problemas, tendências e estilos de vida com impacto na nossa sociedade.”²⁹ Mas, como já vimos, o “Internacional” também não é contemplado na amostra. O mesmo se passa com o tema “Religião”. Sendo esta uma rádio de inspiração cristã, com uma missão evangelizadora,

²⁸ Em entrevista por escrito concedida a 5 de Maio de 2010.

²⁹ Em entrevista por escrito concedida a 5 de Maio de 2010.

seria de esperar que este fosse um assunto mais presente no “Destaque”. Na verdade, não é contemplado na amostra e apesar de, à semelhança do “Desporto”, ter espaço próprio na programação da estação, creio que tenha lugar, com uma relativa frequência, neste bloco noticioso, e que apenas por mero acaso, não se verificou durante o período em análise, até porque a Religião é um dos pilares em que assenta a linha editorial.

Relativamente ao “Tipo de Peças” o estudo revela que há um uso excessivo da “Declaração”, 79%. O que valida a hipótese 2: Não há uma aposta na diversificação das peças jornalísticas. Sérgio Costa atribui ao factor “tempo” a responsabilidade pelo facto de nem sempre ser possível fazer um noticiário com uma maior variedade de peças: “A informação torna-se mais apelativa quando é apresentada de forma diversificada e não “monocórdica”. No entanto, por vezes os constrangimentos de tempo não permitem o tratamento adequado”³⁰. Ainda assim, a aparente falta de ritmo do “Destaque” provocada pelo invariável recurso à “Declaração”, parece procurar ser compensada pela diversificação dos conteúdos apresentados. Contudo, o recurso a um mesmo tipo de peça poderá contribuir para uma redução do potencial comunicativo deste espaço informativo, na medida que o factor repetição pode levar o ouvinte a “desligar-se” da mensagem. Pelo que, o ideal seria apostar numa diversificação de conteúdos aliada a uma alternância e variedade dos tipos de peças. Desta forma, a informação seria mais ritmada e conseqüentemente, mais atractiva, facilitando aos ouvintes manterem-se atentos ao longo dos dez minutos que compõem o “Destaque”.

De acordo com José Bastos “A estrutura em que se desenrola o “Destaque” pode ser descrita assim nestes tempos distintos: notícia, reportagem que pode incluir *voxpopuli*, opinião e, no final, análise”³¹. Ou seja, embora a “Opinião” ou a “Análise” não se verifiquem, enquanto géneros jornalísticos (não existem peças com a estrutura destes dois géneros e que por isso, possam ser classificadas como tal), a “Opinião” e a “Análise” surgem igualmente, mas sob a forma de “Declaração”. Pelo que, apesar de não se tratar do modelo mais apelativo, não deixa de ser uma forma de imprimir ritmo à informação e de procurar agarrar a atenção do ouvinte. Mas este ponto requer uma reflexão. Poderá se considerada “Análise” um testemunho de trinta ou quarenta segundos? Do ponto de vista formal, já se demonstrou que aquilo que os jornalistas

³⁰ Em entrevista por escrito concedida a 22 de Abril de 2010.

³¹ Em entrevista por escrito concedida a 5 de Maio de 2010.

apelidam de “Análise” ou “Opinião” não se enquadra com a definição destes conceitos, enquanto géneros jornalísticos. Mas, mesmo do ponto de vista informal, que tipo de análise poderá ser feita num tão curto espaço de tempo? Sérgio Costa refere que o formato do “Destaque do Meio-dia” permite enquadrar sons de maior duração, em relação a aqueles que são editados para os noticiários: “Se, por vezes por questões de tempo, o registo sonoro é editado para os noticiários, o destaque possibilita a manutenção de hesitações e pausas no discurso, o que permite outra interpretação sobre o discurso do entrevistado.”³² Ainda assim, estamos a falar de sons que, por norma, não vão além de um minuto. Desde logo, porque em rádio os sons têm de ser curtos, caso contrário, o ouvinte abstrai-se e a mensagem perde-se. Sendo esta uma regra básica na informação radiofónica, podemos estar perante um paradoxo: Por um lado pretende-se fazer uma “Análise”, o que implica tempo, por outro, o meio de comunicação utilizado não permite esse tempo. A verdade é que o formato deste noticiário não é habitual no meio rádio e, parece aproximar-se mais da informação característica da imprensa escrita. Existe uma velha máxima que diz: “A rádio informa, a televisão mostra e a imprensa explica”. Isto porque as características da rádio, tais como a instantaneidade e efemeridade, não permitem muito mais do que, simplesmente, informar. Por oposição, os jornais dispõem de tempo e espaço para tratar a informação muito mais exaustivamente, nomeadamente, contemplando análises e opiniões, entre outros. Neste sentido, fica a dúvida se no “Destaque do meio-dia” a “Análise” e a “Opinião” surtem o efeito desejado. Se têm o distanciamento e se dispõem do tempo necessário para que o ouvinte possa compreender todo o raciocínio que lhes está subjacente.

Também a hipótese 3 pode ser confirmada: As fontes oficiais são privilegiadas por oposição às fontes Não Oficiais. Pois os resultados mostram que as Fontes Oficiais surgem na maioria dos casos, 62%. De certa forma, este resultado não surpreende. Por um lado, porque é uma tendência generalizada no jornalismo como já foi referido, por outro, porque se torna difícil não recorrer a fontes oficiais, estando elas presentes nos mais diversos sectores da sociedade. Ainda assim, José Bastos explica que tem como preocupação obter um certo equilíbrio: “Julgo que se usado na exacta medida, como elemento de validação de determinada posição ou até como ponto de partida para a desconstrução jornalística da tese oficial qualquer que ela seja, não é inconveniente o

³² Em entrevista por escrito concedida a 22 de Abril de 2010.

recurso a fontes oficiais. Sempre que não sejam únicas e que não validem um qualquer pensamento único”³³.

Em suma, pode concluir-se que o “destaque do meio-dia” é um noticiário que procura dar a conhecer, explorar e desenvolver todos os temas que sejam susceptíveis de causar impacto na vida dos ouvintes, que apresentem novidade ou sejam relevantes; que correspondam aos habituais critérios de noticiabilidade. É um espaço informativo plural, onde têm lugar opiniões e análises provenientes dos mais diversos quadrantes da sociedade, mas que peca por não colocar em evidência todo o seu potencial comunicativo. Uma vez que não prima pela diversificação do tipo de peças. No que diz respeito às fontes, existe uma tendência para dar preferência às Fontes Oficiais, mas sem nunca descurar as Não Oficiais, que imprimem um carácter de equilíbrio e que reforçam o pluralismo, acima referido.

Se análise pretendida visava traçar o perfil do “Destaque do meio-dia” da Rádio Renascença creio que, no presente trabalho, ficaram claros os principais elementos que o caracterizam: mono temático, com pluralidade de opiniões e de fontes de informação, mas pouca diversidade do tipo de peças.

Relativamente ao estágio curricular, o objectivo inicial foi cumprido. A aprendizagem realizada e o trabalho desenvolvido durante o estágio contribuíram, de forma significativa, para a minha especialização profissional. Não só, penso ter evoluído em termos de escrita radiofónica, mas também ao nível da desenvoltura na rotina produtiva. Mas tal só foi possível com a colaboração de todos os profissionais que me acompanharam e que não hesitaram em partilhar comigo o seu saber. Contudo, o factor que mais me marcou e que creio ter sido o maior contributo que posso levar para a minha futura vida profissional é o sentido crítico. Isto é, olhar para um acontecimento e ter a capacidade de apresentar uma série de abordagens possíveis. Em vez de optar pelo mais simples, conseguir olhar para além do óbvio e visualizar soluções inéditas ou, pelo menos, mais interessantes e menos prováveis. Este sentido crítico foi algo que eu entendi como estando sempre presente na equipa que diariamente produz o “Destaque” e é algo que eu gostaria que me acompanhasse na minha vida profissional.

³³ Em entrevista por escrito concedida a 5 de Maio de 2010.

Bibliografia

- BONIXE, Luis R., (2007), “A Construção Sonora da Realidade: uma Análise à Cobertura Radiofónica da Campanha para o Referendo ao Aborto”, Observatório Journal, nº2, pp. 29 – 54.
- CARVALHO, Carmen, (2007) “Segmentação do jornal, a história do suplemento como estratégia de mercado”, trabalho apresentado no V Congresso Nacional de História da Mídia, Facasper e Ciee, São Paulo.
- HERREROS, Mariano Cebrián, (1992) “Generos Informativos Audiovisuales”, Sociedad – Universidad, Editorial Ciencia 3, Madrid.
- LOPEZ, Débora Cristina, (2009) “As fontes no jornalismo radiofónico em ambiente de convergência”, Contemporanea, vol.7, nº1, pp. 1 -19.
- MARTÍN, Silvia Jiménez, (2007) “Las posibilidades expresivas de los géneros informativos: usos en los noticiarios de la radio española”, Comunicación y Sociedad, Vol. XX, Nº 2, pp. 7 – 22.
- MARTÍNEZ-COSTA, Maria del Pilar e MORENO, Elsa (coords.), (2004), “Programación Radiofónica – Arte e Técnica del Diálogo entre la Radio y su Audiência”, Ariel Comunicación, Barcelona.
- MENESES, João Paulo, (2003) “Tudo o que se passa na TSF – ... para um “livro de estilo””, Jornal de Notícias, Porto.
- MIGUEL, Aura, “Rádio Renascença: Os trabalhos e os dias”, (1992), Coleção Symbolom, Imprensa Nacional - Casa da Moeda.
- MUÑOZ, Jose Javier e GIL, César, (2002) “La Radio: teoría y práctica”, Colección Estudios Profesionales, Instituto Oficial de Radio y Televisión RTVE, 2ª edición, Madrid.
- ORTIZ, Miguel Ángel e MARCHAMALO, Jesús, (1994), “Técnicas de Comunicación en Radio – La realización Radiofónica”, Papeles de Comunicación, vol. 5, Editora Paidós, Barcelona.
- PRADO, Emílio, (1985) “Estrutura da Informação Radiofónica”, Coleção Novas Buscas em Comunicação, volume 31, Summus Editorial, 2ª edição, São Paulo.

- RIBEIRO, Nelson, “Momentos Marcantes na História da Rádio Renascença (1937 – 1987)”, (2001), *in* Para a História da Rádio em Portugal, Observatório, nº4, pp. 97 – 112.
- RIBEIRO, Vasco, (2009) “Fontes Sofisticadas de Informação – Análise do produto jornalístico político da imprensa nacional diária de 1990 a 2005”, Coleção Media XXI, Editora Media XXI, Porto.
- SANTOS, Rogério, (2006) “A fonte não quis revelar Um estudo sobre a produção de Notícias”, Coleção Campo dos Media, vol.12, Campo das Letras, Porto.
- SANTOS, Rogério, (1997) “A negociação entre jornalistas e fontes”, Coleção Comunicação, Minerva, Coimbra.
- SOENGAS, Xosé, (2006), “El discurso radiofónico. Particularidades de la narración sonora”, Revista Prisma, nº3, pp. 101 – 127.
- SOUSA, Jorge Pedro, (2005) “Elementos de Jornalismo Impresso”, Letras Contemporâneas, Florianópolis.
- SOUSA, Jorge Pedro, (2006) “Elementos de Teoria e Pesquisa da Comunicação e dos Media”, Edições Universidade Fernando Pessoa, 2ª edição revista e ampliada, Porto.
- WOLF, Mauro, (1999), “Teorias da Comunicação”, Editorial Presença, 5ª edição, Lisboa.

Fontes Electrónicas

- “Gostaríamos de desafiar a Igreja para a constituição de um bom grupo de comunicação”, *in* Meios & Publicidade, www.meiosepublicidade.pt (Consulta em 22 Abril 2010).
- “Ministério da Comunicação Social Decreto-Lei n.º 674-C/75 de 2 de Dezembro”, *in* http://www.igf.min-financas.pt/inflegal/bd_igf/bd_legis_geral/Leg_geral_docs/DL_674_C_75.htm (Consulta em 22 de Junho 2010).
- “Rádio”, *in* Anuário da Comunicação 2006-2007 Obercom, http://www.obercom.pt/client/?newsId=14&fileName=anuario_06_07_radio.pdf (Consulta em 22 de Junho 2010).

- “Rádio”, *in* Gabinete para os meios de Comunicação Social, <http://www.ics.pt/index.php?op=cont&cid=78&sid=329> (Consulta em 22 de Junho 2010).
- “Rádio Renascença quer cativar ouvintes mais jovens”, *in* JPN, www.jpn.icicom.up.pt (Consulta em 01 de Junho 2010).
- “Renascença a nova dimensão da rádio”, *in* Rádio Renascença, www.rr.pt (Consulta em 01 Junho 2010).
- “Renascença renova site”, *in*, Meios & Publicidade, www.meiosepublicidade.pt (Consulta em 01 Junho 2010).

Fontes Orais

- José Bastos. Editor Internacional da Rádio Renascença. Entrevista realizada em 5 de Maio 2010.
- Sérgio Costa. Jornalista da Rádio Renascença. Entrevista realizada em 22 Abril 2010.

Coimbra, 25 de Junho 2010

ANEXOS

ANEXO 1

(Entrevista ao Jornalista Sérgio Costa)

- Quais são os objectivos do destaque do meio-dia. O que é que o distingue dos demais noticiários da RR?

Desenvolver, explorando todos os ângulos possíveis, o tema mais forte da actualidade. Um destaque não se resume ao simples “*soundbyte*” que, não raras vezes, serve para ilustrar um assunto durante um noticiário que é pautado pela diversificação de temas.

Como um destaque é mono temático, permite a divulgação de entrevistas com maior profundidade, a diversificação de reacções (de inúmeras sensibilidades), tornando o espaço mais democrático, e ainda ir para o terreno com reportagens, recolhendo a opinião comum sobre o assunto em destaque.

O facto de possibilitar a transmissão de entrevistas, permite junto do auditório, captar a forma como o entrevistado reage às questões que lhe são colocadas. Se, por vezes por questões de tempo, o registo sonoro é editado para os noticiários, o destaque possibilita a manutenção de hesitações e pausas no discurso, o que permite outra interpretação sobre o discurso do entrevistado.

O destaque possibilita ainda um pequeno espaço de comentário e análise com uma visão independente sobre o tema principal.

- Quais os critérios que servem de base à escolha do tema / assunto?

A novidade absoluta, a relevância do tema para o auditório, a proximidade, o potencial polémico. Por vezes o tema é suscitado no próprio dia. Por exemplo, em Dezembro de 2009, em entrevista à Renascença, o vice-presidente da bancada parlamentar socialista, Ricardo Rodrigues, afirmou que se a oposição mantivesse uma postura de constante reprovação ou alteração de propostas lançadas pela maioria relativa do PS (no que ele definiu como esticar de corsa) a queda do governo seria inevitável, o que conduziria o país para novas eleições. Naturalmente que, pela polémica suscitada e pela novidade esse foi tema de destaque.

Por vezes o assunto escolhido para o destaque pode surgir inicialmente num jornal diário e posteriormente tentamos desenvolver o assunto abordando ângulos diversificados.

- Calculo que por vezes se deparem com situações em que o assunto que pretendem tratar não seja exequível. Quais são os constrangimentos mais frequentes que levam a que tenham de recorrer a uma segunda opção?

A principal dificuldade prende-se com a recusa em prestar depoimentos. Não será de todo possível produzir um destaque de 10 minutos com falta de depoimentos. Não é radiofonicamente possível.

Um dos temas fortes da política nacional nos últimos meses e amplamente debatido foi o das alegadas escutas, ou vigilância a Belém. Tratava-se de um tema polémico diariamente abordado pelos jornais com novos dados polémicos.

Sendo a principal notícia, naturalmente foi, por diversas vezes, o tema escolhido para destaque. Recordo-me de um dia em que ninguém, de diversos quadrantes políticos, se mostrou disponível para falar sobre o assunto e dos principais intervenientes se remeterem ao silêncio. Não foi possível fazer um destaque sobre isso. Ainda sobre o mesmo tema deparamo-nos com uma situação idêntica. Aí conseguimos inverter a situação recorrendo a comentários e pequenas reacções de figuras políticas enquadradas num texto mais elaborado.

- Durante o estágio verifiquei que é dada preferência a temas como Política, Economia, Justiça, Saúde... seria possível fazer-se um destaque sobre Desporto, ou Cultura?

Sim, naturalmente. A preferência dada a temas como Política, educação, economia etc., está relacionada com um maior volume noticioso e ainda com o facto de serem assuntos que estão relacionados com o dia-a-dia das pessoas.

Contudo, já produzimos destaques sobre Cultura como recentemente um sobre o 5º aniversário da Casa da Música do Porto.

Ficou claro nesse destaque que a Casa da Música do Porto dinamizou a vida cultural da cidade.

Transmitimos uma entrevista com o director artístico, uma peça sobre o centro educativo e recolhemos diversas opiniões de figuras relevantes do universo cultural.

- Existe alguma preocupação em diversificar o tipo de peças (reportagens, entrevistas, etc.) que vão para a antena, ou o mais importante é dar a informação e não a forma como ela é "apresentada"?

Existe. A informação torna-se mais apelativa quando é apresentada de forma diversificada e não “monocórdica”.

No entanto, por vezes os constrangimentos de tempo não permitem o tratamento adequado.

- De acordo com a amostra que recolhi, verifica-se que existe uma prevalência do recurso a fontes oficiais. Isso é intencional, sempre que possível, optam por recorrer a fontes oficiais?

Ao contrário do que acontece com a imprensa escrita onde se lê que fonte “y” revelou determinada informação, na rádio esse formato não será tão credível.

A informação escrita prevalece, a informação radiofónica acaba por ser mais efémera pelo que o recurso a fontes oficiais será mais credível. Não é uma opção claramente intencional mas, sempre que possível, recorreremos a fontes minimamente credíveis que permitam ao auditório ter uma percepção exacta de onde surge a informação.

- Quais são as principais questões a ter em conta na escolha do alinhamento?

Tentamos sempre conferir um alinhamento lógico, com o factor novidade em primeiro lugar, o que naturalmente é condizente com a forma como deve ser estruturada a notícia.

Segue-se o plano das reacções e por vezes a denominada estratégia ping-pong com resposta e contra argumentação.

De seguida a reportagem que tem quase sempre como objectivo avaliar os efeitos de determinada questão junto da população e conferir a opinião comum. Por último o comentário e análise que sintetiza e avalia os efeitos todas as opiniões anteriormente transmitidas.

ANEXO 2

(Entrevista ao Editor de Internacional José Bastos)

- Quais são os objectivos do destaque do meio-dia. O que é que o distingue dos demais noticiários?

O Destaque é um produto informativo híbrido: por um lado, factual, incorporando elementos noticiosos puros, permita-se a expressão, por outro lado, introduzindo elementos de opinião e análise que procuram ampliar a gama de instrumentos, no fundo, a grelha de que o ouvinte dispõe para descodificar a realidade, neste caso, do que, aquela hora, a decisão editorial considera ser o tema mais relevante da manhã ou, nalguns casos, do dia.

- Quais os critérios que servem de base à escolha do tema / assunto?

Os mesmos critérios tradicionais de impacto, relevância, proximidade que filtram as opções noticiosas nos jornais radiofónicos mais “tradicionais”, mas que podem, em função das circunstâncias ser alterados.

Dou um exemplo: em muitos cenários a opção mais óbvia não é um tema de internacional, mas aí assumo a opção editorial pessoal em detrimento de alternativas em que o auditório se sentiria mais confortável, se me é permitida a expressão. Dou um exemplo, ainda recentemente prevaleceu como tema, a assinatura do novo tratado de redução de armamento nuclear entre os Estados Unidos e Rússia, por mais que a decisão não tivesse impacto imediato ou sequer fosse familiar com as fatias mais relevantes do auditório.

Estas opções mais “imprevisíveis” resultam também do esforço editorial no sentido de conviver com a presença da Internet que está mudar a relação dos ouvintes com a rádio como, de resto, com todos os outros meios tradicionais.

A Internet não muda só os tempos e as formas do jornalismo, mas também a maneira de trabalhar dos jornalistas. A Internet está a alterar os parâmetros de valoração das notícias. A proximidade pode não ser já o valor relevante, o relevante pode ser algo relativo, passível de ser desalojado pelo que causa maior impacto.

Peréz Oliva sublinhava, recentemente, que a notícia pode saltar de um comentário a qualquer momento em qualquer sítio do planeta: todos observam todos, não há exclusivo que dure mais de cinco minutos, ou o tempo que leve a ser reproduzido.

A Net mudou também o ouvinte rádio: o seu escrutínio é agora muito rigoroso porque a rede lhe proporciona ferramentas de comparação que antes não existiam. Ou seja, agora pode examinar ao detalhe, perguntar e contrastar muito facilmente o trabalho dos jornalistas e tirar as suas próprias conclusões. Donde, acredito, que o conceito de convergência entre as várias plataformas é agora já uma realidade e esse é um factor que, entre outros, também pode pesar na escolha do tema do Destaque que também vai estar disponível online quer transmitido em directo quer em *podcast*.

- Calculo que por vezes se deparem com situações em que o assunto que pretendem tratar não seja exequível. Quais são os constrangimentos mais frequentes que levam a que tenham de recorrer a uma segunda opção?

A impossibilidade por razões várias – que podem ir das mais prosaicas às mais intrincadas – de conseguir reunir um conjunto de depoimentos, entrevistas, material próprio que alimente, pelo menos, dez minutos de antena com esse único tema.

- Durante o estágio verifiquei que é dada preferência a temas como Política, Economia, Justiça, Saúde... seria possível fazer-se um destaque sobre Desporto, ou Cultura?

Não só é possível como se fazem.

Quando julgo que a importância do quinto aniversário de uma instituição relevante no universo cultural português se sobrepõe a tudo o mais da agenda informativa do dia. Aconteceu ainda recentemente com a Casa da Musica do Porto. Acontece com o Prémio Pessoa, por exemplo, a distinção de referência do mundo da cultura portuguesa. Sobre o desporto, apesar dos espaços próprios da informação existentes, também já se fizeram Destaques alargando o âmbito meramente sectorial do tema e procurando o seu impacto social. Por exemplo: o legado do Euro 2004 para a promoção do desporto em Portugal. Porquê só foi construído um estádio com pista de atletismo, o de Leiria? E por aí fora.

A temática de escolha não é estanque: abrange um largo espectro dos temas de actualidade, *current affairs*, na expressão inglesa que prefiro: temas com impacto na

vida quotidiana das pessoas (combustíveis, por exemplo), saúde, educação, ambiente, novas tecnologias, por aí.

Evidentemente que nos dias que passam a crise, a economia está no primeiro plano.

Apesar disso tento focar a minha atenção editorial num espectro muito amplo de temas, sem nunca esquecer a área do internacional que julgo ser de máxima relevância na antecipação de problemas, tendências e estilos de vida com impacto na nossa sociedade.

Mais do que nunca, em tempos de globalização uma dose mínima de mundividência é absolutamente necessária a um Editor de qualquer plataforma de *media*.

- Existe alguma preocupação em diversificar o tipo de peças (reportagens, entrevistas, etc.) que vão para a antena, ou o mais importante é dar a informação e não a forma como ela é "apresentada"?

Se faz sentido que o *lead* do Destaque incorpore elementos noticiosos puros, a estrutura em que se desenrola pode ser descrita assim nestes tempos distintos: notícia, reportagem que pode incluir *voxpopuli*, opinião e, no final, análise.

- De acordo com a amostra que recolhi, verifica-se que existe uma prevalência do recurso a fontes oficiais. Isso é intencional, sempre que possível, optam por recorrer a fontes oficiais?

Não necessariamente! Tenho é, alguma dificuldade em imaginar qual a área de influência da esfera governativa, ou em sentido mais lato, da esfera da administração pública, ou até apenas do universo da cidadania, por exemplo, uma organização ambientalista, em que se produzem decisões com impacto social sem que o jornalista chamado a discorrer sobre o tema, consiga evitar o contacto com uma “fonte oficial”.

Julgo que se usado na exacta medida, como elemento de validação de determinada posição ou até como ponto de partida para a desconstrução jornalística da tese oficial qualquer que ela seja, não é inconveniente o recurso a fontes oficiais. Sempre que não sejam únicas e que não validem um qualquer pensamento único.

Em resumo, o meu grande desafio como Editor/Apresentador é encontrar uma fórmula de várias matizes para transmitir o resultado desta – muitas vezes imperfeita – tentativa de exercício de equilíbrio, é assim que descrevo o Destaque, preservando e sublinhando

o esforço de uma equipa, à cabeça da qual o jornalista que o elaborou. Já no meu caso, o profissional que está no ângulo da pirâmide de um produto informativo tem sempre de tentar manter um desconfortável equilíbrio. Por um lado surgir frio, distanciado, objectivo, pouco envolvido no tema que apresenta, tentando facultar elementos de julgamento ao público, mas sem os digerir antes, pelo menos ostensivamente, já que qualquer selecção implica, no sentido lato, percepção da realidade através dos meus próprios filtros.

E todo o meu trabalho é esse, por mais tentativas de independência que possa fazer e são inerentes ao mínimo de ética profissional, o meu trabalho resulta da minha filtragem da realidade. Por outro lado, e, já concluo, não se dispensa a nossa própria impressão digital, a nossa assinatura, o estilo natural que reflecte até a personalidade do apresentador. Outro desafio de um espaço de actualidade, opinião e análise como o Destaque é o de que tenho de estar preparado para uma Última Hora, uma *Breaking News*, um desenvolvimento de todo imprevisível, uma resposta provocatória, tudo. E quando digo tudo, é tudo mesmo!

- Quais são as principais questões a ter em conta na escolha do alinhamento?

Julgo ter respondido na pergunta 2.

ANEXO 3

(Grelhas com os dados relativos a cada “Destaque”)

Dia 2 de Novembro de 2009

Tema	Tipo de Peça	Fonte
Justiça	Reportagem só jornalista	1 Oficial 2
Processo Face Oculta	Peça só jornalista	1 Não Oficial 6
	Declaração	4
Totais		6 8

Dia 3 de Novembro 2009

Tema	Tipo de Peça	Fonte
Justiça	Reportagem só jornalista	1 Oficial 6
Processo Face Oculta	Declaração	7 Não Oficial 2
Totais		8 8

Dia 4 de Novembro 2009

Tema	Tipo de Peça	Fonte
Política	Peça com RM's	1 Oficial 4
Casamento Homossexual	Declaração	10 Não Oficial 7
Totais		11 11

Dia 5 de Novembro 2009

Tema	Tipo de Peça	Fonte
Política	Reportagem com RM's	Oficial
Debate do Programa do Governo	Declaração	Não Oficial
Totais	4	6

Dia 6 de Novembro 2009

Tema	Tipo de Peça	Fonte
Política	Reportagem com RM's	Oficial
Debate do Programa do Governo	Peça só jornalista	Não Oficial
	Declaração	
Totais	4	7